

Já somos gente de pouca esperança, só vivemos¹

Cabo Delgado e a guerra na vida das mulheres e raparigas



Março de 2021

¹ Palavras de Melina Nicuta, camponesa de Manrase, distrito de Chiúre.

SUMÁRIO EXECUTIVO	4
I - ANÁLISE DA CONJUNTURA E DA GUERRA EM CABO DELGADO FEITA PELAS MULHERES	6
1- Breve caracterização da província de Cabo Delgado	6
2- Dos conflitos violentos à guerra	9
3- As fases da guerra vistas e analisadas por elas	13
4- Uma guerra sem fim à vista?	15
5- O espírito crítico delas sobre a guerra e sobre as condições que são precisas para se chegar à paz	20
II - IMPACTOS DA GUERRA EM TEMPOS DE PANDEMIA E DE CALAMIDADES DEVIDAS ÀS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS	22
III - CABO DELGADO: ONDE AS MULHERES JÁ NÃO PODEM DORMIR, SÓ VIVEM	28
1- Quantas são e o que fazem - ou faziam antes da guerra	28
2- Na perspectiva dos homens as mulheres estão a ser poupadas nesta guerra. E o que dizem as mulheres?	28
3- Autoridade, legitimidade e os trabalhos das mulheres posto cada vez mais em causa	30
4- Abusos corporais, escravidão sexual e prostituição	30
Raptos, estupro e escravidão sexual de meninas	30
Prostituição forçada das mulheres	31
Estupros e outros abusos sexuais durante a fuga à guerra	32
5- O insuportável ruído das lágrimas delas	33
5.1- As mães que choram: crianças órfãs de guerra, abandonadas e separadas das suas famílias	33
5.2- <i>Vamos chorar porque sofremos muito</i> . As descrições da guerra e os sofrimentos indescritíveis delas	34
5.3- Sem machamba vem a fome e a dependência da ajuda que chega, ou não chega	36
5.4- Sem a capulana não temos privacidade nem temos como nos limparmos, nem temos vida	37
5.5- Sem as florestas e sem água vêm doenças porque já não há medicamentos	38
5.6- O aumento do trabalho das mulheres para níveis insustentáveis. Elas choram e já não dormem	38
5.7- Deixar tudo para trás: estórias de fuga à guerra	41
5.8- E a vida agora é esperar que a espera acabe	44
5.9- Mulheres abaixo de todxs: os centros de acolhimento	45
5.10- A primeira vítima de uma guerra é sempre a verdade: experiências das mulheres desde o activismo social e a frente de combate	47
5.11- Ausências e silenciamentos	49
Uma presença que é também uma ausência: mulheres combatentes	49
Relatórios e artigos científicos	50
Imprensa escrita digital ou convencional	51
IV – ACÇÕES, RECOMENDAÇÕES E DEMANDAS DAS MULHERES PARA A PAZ E SEGURANÇA NO PAÍS	55
1- O activismo das mulheres porque o que é privado é político	56

2- As nossas preocupações para o APOIO EMERGENCIAL a todas as mulheres de todas as idades no palco da guerra	58
3- As nossas DEMANDAS para as transformações ESTRUTURAIS para uma Paz duradoura e a segurança de todas as mulheres e meninas	59
4- As nossas recomendações para uma acção articulada da sociedade civil com sensibilidade de género e pelos Direitos Humanos das Mulheres e Raparigas:	61
CONCLUSÃO	62

Sumário Executivo

Temos vindo a seguir com muita atenção e preocupação os acontecimentos de violência que estão a ocorrer na província de Cabo Delgado desde o início de Outubro de 2017. A partir de meados de 2020 os episódios de violência recrudesceram e têm vindo a provocar cada vez mais assassinatos, raptos, destruição e desaparecimentos e a maior crise humanitária dos últimos 30 anos em Moçambique. Mais de meio milhão de pessoas foram forçadas a abandonar as suas aldeias, machambas, casas e bens para procurar refúgio em outros locais considerados mais seguros tanto na província como em províncias vizinhas como Nampula, Niassa e até Sofala. Segundo informações colhidas em vários relatórios de diversas organizações e entidades oficiais que estão no terreno a apoiar essas populações, pode-se inferir que a maioria das pessoas refugiadas são mulheres e crianças dos dois sexos.

A situação específica vivida pelas meninas e as mulheres e os danos que lhes são infligidos, em razão do seu sexo e género, têm vindo a ser negligenciados tanto nos meios de comunicação social, como em muitas das pesquisas levadas a cabo por especialistas nacionais e estrangeiros assim como pelas autoridades nacionais. Do mesmo modo, as suas vozes e os seus conhecimentos têm estado ruidosamente ausentes sobre a guerra, a pandemia e outras calamidades que têm estado a enfrentar. **NESTE TEXTO DOCUMENTAM-SE AS VOZES DAS MULHERES VITIMIZADAS, MAS COLOCA-SE EM EVIDÊNCIA TAMBÉM A SUA CAPACIDADE DE ANÁLISE RESISTÊNCIA E INICIATIVA.**

Este estudo tem, por conseguinte, os seguintes objectivos:

- (1) reunir informação relevante sobre a situação das mulheres e raparigas e a guerra em Cabo Delgado através das suas análises e testemunhos;
- (2) contribuir para uma melhor compreensão do conflito e das formas de o ultrapassar, o que não pode ser feito sem incluir as mulheres;
- (3) abrir um espaço de reflexão onde as vozes das mulheres de Cabo Delgado e as que estão envolvidas em acções de apoio das populações deslocadas possam ser conhecidas e valorizadas;

A metodologia adoptada combina três vertentes de trabalho de pesquisa.

- (1) Porque neste estudo se pretende privilegiar as vozes e os conhecimentos das mulheres, o principal instrumento de investigação foram as entrevistas feitas com mulheres. Foram colhidos 21 testemunhos/análises sobre a guerra de senhoras que residem em diversos pontos da província nomeadamente Pemba, Metuge e Montepuez² mas que são provenientes de outros municípios da província: Quissanga, Nangade, Mocímboa da Praia, Muidumbe e Chiure. Foram entrevistadas ainda sete activistas sociais e uma jovem mulher militar que combateu no teatro de operações de Cabo Delgado. Foram ainda colhidos testemunhos de alguns homens idosos que estão refugiados em Pemba e Metuge.
- (2) O segundo foi a análise documental. Foram lidos e analisados vários relatórios publicados em 2020 e disponíveis nas páginas de organizações da sociedade civil e foram consultadas estatísticas nacionais;
- (3) Para poder contrastar o silêncio a que têm estado votadas a situação e as vozes das mulheres e as suas análises presentes nas nossas entrevistas foi analisado uma coorte da imprensa nacional e internacional entre Outubro e Dezembro de 2020: artigos publicados na imprensa nacional de grande circulação (Savana e Notícias) clipping de Joseph Hanlon que

² Todas as mulheres entrevistadas pediram o anonimato completo por medo de serem perseguidas ou lhes aconteça algum mal ou às suas famílias. Por isso, os excertos presentes neste documento e as informações recolhidas no terreno respeitam integralmente o sigilo pedido. Não são indicados nomes e lugares de residência destas senhoras nem nenhuma outra informação que possa identificá-las.

reúne fontes nacionais e estrangeiras, activistas e académicas entre Outubro a Dezembro de 2020;

Os limites deste estudo estão relacionados com três factores. O primeiro tem que ver com a extrema dificuldade de mobilidade dentro da província de Cabo Delgado. Isto significa que só foi possível falar com pessoas, especialmente mulheres, que neste momento residem em lugares para os quais é permitido viajar ou contactar. Por outro lado, por se tratar de uma zona de guerra as autoridades exercem um controlo acrescido sobre todo o tipo de informação que possa ser obtida sobre a situação actual. As pessoas têm medo de represálias, quer dos insurgentes que em dois casos de senhoras entrevistadas por nós têm filhas raptadas com eles, quer das autoridades militares e policiais. O segundo factor é linguístico uma vez que estas senhoras expressam-se em Makonde, Emakua e Mwani pelo que é necessário usar intérpretes e tradutoras/es e, neste processo, sabe-se que se pode perder muita informação, sobretudo detalhes que podem ser importantes. O terceiro factor prende-se com o tempo e os recursos disponíveis para realizar esta pesquisa. Para uma investigação mais completa é necessário dispor de mais tempo e de maiores recursos humanos e financeiros para: se aprofundar alguns dos testemunhos e isso significa desenvolver os processos participativos *in loco*; incluir na pesquisa mais vozes que permitam, não apenas fazer um quadro mais compreensivo sobre a guerra e as vitimizações feitas às mulheres de todas as idades, mas também contrastar com os silenciamentos que lhes estão a ser impostos.

Este documento está estruturado em quatro secções:

- A primeira é uma breve análise da conjuntura;
- A segunda é uma sistematização dos impactos desta guerra na vida das populações de Cabo Delgado;

Estas duas secções permitem traçar um quadro analítico para melhor situar e compreender o que vem em seguida.

- Na terceira secção elabora-se a identificação dos vários impactos na vida das mulheres de todas as idades a partir das suas próprias considerações e conhecimentos. Complementa-se com alguns comentários reflexivos;
- Por último, enumeram-se as acções, as preocupações e as demandas das mulheres para pensar e fazer a paz no país e apontam-se 9 recomendações para a acção.

I - Análise da conjuntura e da guerra em Cabo Delgado feita pelas mulheres

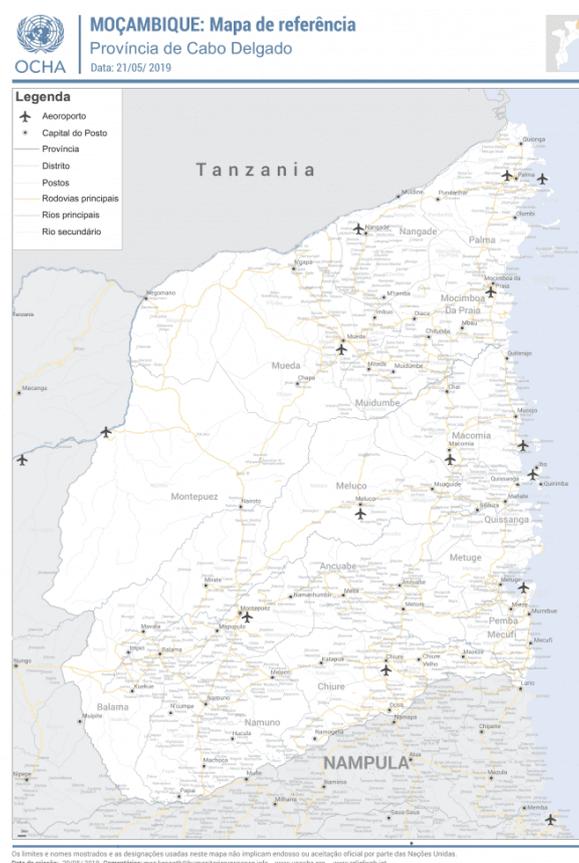
1- Breve caracterização da província de Cabo Delgado

A história da província de Cabo Delgado está marcada pelo cruzamento e a mestiçagem de culturas. A área de Cabo Delgado, inserida dentro das principais rotas comerciais do mundo árabe-swahili desde o século VII, será influenciada de maneira essencial por este contacto, sobretudo a partir da costa, onde a presença islâmica é patente até hoje. Contudo, a província de Cabo Delgado tem uma importância singular para a história de Moçambique no âmbito da libertação do país, pois considera-se que a Luta Armada de Libertação Nacional levada a cabo pela FRELIMO (Frente Libertação de Moçambique) no dia 25 de Setembro 1964 se inicia em Chai, distrito de Macomia.

De acordo com os resultados definitivos dos últimos censos nacionais (INE, 2019)³, Moçambique tem uma população de 27 909 790 habitantes composta por 52% mulheres e 48% homens. A província de Cabo Delgado tem uma população estimada em 2 320 261 habitantes, sendo 51,6% mulheres e 48,5% homens. Na província de Cabo Delgado 16,8% das pessoas reside nas áreas urbanas e 83,2%, nas áreas rurais. O distrito mais populoso é Chiúre, onde concentra 14,4% da população. A cidade de Pemba, a capital, tem apenas 6,6 % da população total.

Cabo Delgado situa-se no norte de Moçambique e tem os seguintes limites geográficos:

- A norte, o rio Rovuma, fronteira natural com a República Unida de Tanzania;
- A sul, o rio Lúrio que a separa da Província de Nampula;
- A oeste, (de norte para sul) os rios Lugenda, Luambeze, Ruaca e Mewo, que fazem fronteira com a província do Niassa;
- A leste, o Oceano Índico, numa extensão de 425 quilômetros em linha recta;



³ INE (Instituto Nacional de Estatística) (2019): «Resultados do Censo 2017 Apresentação Final1». Disponível em <<http://www.ine.gov.mz/iv-rgph-2017/mocambique/apresentacao-resultados-do-censo-2017-1/view>>.

A divisão administrativa da província conta com:

- 17 distritos: Ancuabe, Balama, Chiúre, Ibo, Macomia, Mecúfi, Meluco, Metuge, Mocímboa da Praia, Montepuez, Mueda, Muidumbe, Namuno, Nangade, Palma, Pemba e Quissanga
- 2 cidades: Pemba e Montepuez
- 5 municípios
- 56 postos administrativos
- 134 localidades
- Cerca de 756 aldeias⁴

A sua população tem como principais actividades económicas a agricultura familiar, a pecuária, a pesca artesanal, o comércio e a exploração florestal. Estima-se que a população economicamente activa corresponda aproximadamente a 44,1 % da população total sendo que as actividades ligadas à agricultura, silvicultura, pescas e extracção mineira, absorvem pelo menos 87,4 % das pessoas deste universo. A principal base económica da população de Cabo Delgado é a agricultura, praticada, fundamentalmente, em moldes tradicionais. A província dispõe de uma área de cerca de 5,6 milhões de hectares de terra arável, dos quais cerca de 1 milhão de hectares estão em uso por aproximadamente 527 324 famílias de produtores e 87 338 estão na posse do sector empresarial. Sob o ponto de vista agrícola, as plantas mais comuns e antigas pertencem ao grupo das gramíneas cerealíferas, como a mapira (sorgo), a mexoeira e o arroz. A mapira e a mexoeira cultivam-se em pequenas quantidades nas ilhas e em grande quantidade nas terras da Baía de Pemba, Montepuez, Arimba e Mucojo. Nas terras baixas e húmidas, produz-se principalmente a batata-doce, o feijão de múltiplas variedades, a mandioca e o gergelim. Em quase toda a província cultiva-se o coqueiro, árvore da qual se aproveita tudo. O arroz é cultivado nas terras baixas no continente. O milho, a mandioca, o arroz e o feijão-jugo constituem a principal dieta alimentar da população.

A província de Cabo Delgado conta com uma notável biodiversidade tanto em terra quanto no mar (com 32 ilhas administrativamente ligadas à província), nomeadamente no Banco de S. Lázaro, com corais subaquáticos e grande diversidade de espécies de animais marinhos, e no Parque Nacional das Quirimbas. Além disso, a Ilha do Ibo é conhecida pelo seu património histórico e cultural secular, com características únicas e valiosas para a compreensão da história e da cultura desta região de Moçambique.

Na província de Cabo Delgado são faladas várias línguas: emakhuwa, shimakonde, kimwani, swahili, ngonj e ajaua, sendo a língua oficial o português. Esta característica de um acentuado polilinguismo é derivado da sua história estar relacionada com rotas importantes de comércio no oceano Índico e as suas consequentes mobilidades culturais, religiosas e políticas. A maioria da população de Cabo Delgado tem como língua materna o emakhuwa, com 66,8 %, seguido do shimakonde, mais falada no planalto, com 21,8 %, e, em terceiro lugar, o kimwani, mais falada no litoral, com 6,1 %. Entre as outras línguas faladas, incluem-se o português com cerca de 22,2 %, o swahili, mais falada na fronteira com a Tanzânia, e o ajaua, mais falada junto à província do Niassa.

Nos últimos anos, em Moçambique, e particularmente na província de Cabo Delgado, tem-se constatado um aumento significativo da exploração de recursos minerais, tanto de minérios como

⁴ Para mais informação, consultar: <http://www.cabodelgado.gov.mz/por/A-Propovincia/Divisao-Administrativa>

de hidrocarbonetos (Sousa, 2016⁵; Ruiz et al., 2018⁶; WLSA Moçambique⁷, VSO Moçambique, 2019⁸). Podem diferenciar-se como actividades principais:

- As actividades extractivas formais levadas a cabo por grandes empresas transnacionais, e focalizadas principalmente na extração de petróleo, gás, carvão e outros minerais fósseis;
- A mineração artesanal, informal e de pequena escala, que atrai cada vez mais praticantes devido à falta de alternativas nas áreas rurais e a ambição de rendimentos elevados, e que a torna a sua principal fonte de sustento (Mondlane e Shoko⁹, 2003: 244);

Embora a primeira actividade mereça uma maior atenção por parte do Governo, das empresas e organizações nacionais e internacionais, ambas as actividades têm repercussões directas no panorama económico e social, bem como na saúde da população e no ambiente dos territórios onde se desenvolve (Bata e Mariano, 2015¹⁰; WLSA Moçambique e VSO Moçambique, 2019).

Os hidrocarbonetos apresentam uma grande potencialidade no país, tanto *onshore* como *offshore*, fundamentalmente na bacia do Rovuma. Em 2011-2012, as empresas Anadarko (Estados Unidos) e Eni (Itália), com a perfuração exploratória ao largo da costa na Bacia do Rovuma, avaliaram que as reservas de gás natural ali encontradas seriam as mais importantes do mundo identificadas em mais de uma década (Abrahamson, *et al.*, 2013¹¹). Por outro lado, outra das principais actividades extractivas formais que importa destacar é a exploração de rubis e de grafite que tem vindo a acontecer há mais tempo. Em Cabo Delgado, a exploração dos rubis iniciou-se em 2011 com a criação da empresa Montepuez Ruby Mining, Ltda., resultante da parceria entre a moçambicana Mwiriti Ltda. e a multinacional britânica Gemfields (Hsu, Lucas e Pardieu, 2014¹²). A Syrah Resources realiza a exploração de grafite no distrito de Balama, e a GK Graphite Mine e Grafex, Ltda., em Ancuabe. Além disso, a Suni Resources S. A. está a estudar realizar explorações no distrito de Montepuez e a HD Mining Development pretende explorar a grafite obrigando à deslocação de centenas de famílias. Através da iniciativa da Spatial Dimension podemos ter acesso a um mapa de cadastro mineiro no qual é possível aceder à localização geográfica das zonas de concessão mineira e áreas de prospeção, além de um resumo dos contratos com as empresas mineiras.

Em relação à segunda actividade referida, a mineração artesanal, importa referir que esta está cada vez mais limitada e sujeita aos interesses das empresas formais. No entanto, e segundo dados da Direcção Provincial de Recursos Minerais e Energia de Maio de 2018, pode-se identificar as áreas de concessão designadas às associações de mineiros, ou micro-empresas, recentemente legalizadas ou em processo de legalização.

⁵ Sousa, Maria Eduarda Andrade (2016): «A exploração mineira e o reassentamento forçado em Moçambique: Uma reflexão sobre a situação dos deslocados do desenvolvimento», *REMHU Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.*, 47, 204-209.

⁶ Ruiz, I. Z., P. del C. Antolín, A. das G. González e A. Gomonda (2018): *Meio ambiente e mineração artesanal em três distritos de Cabo Delgado: Ancuabe, Montepuez e Namuno*, Barcelona, Medicus Mundi Mediterrània.

⁷ WLSA Moçambique (2018): «O impacto da indústria extractiva na vida das mulheres». Comunicação apresentada em Diálogo de alto nível sobre políticas públicas e estratégias de desenvolvimento e gestão de petróleo, gás, recursos minerais em Moçambique, Maputo, 3 de julho de 2018.

⁸ WLSA Moçambique e VSO Moçambique (2019): «Factos sobre o impacto das práticas extractivas com ênfase nos direitos das mulheres». Ficha de informação, março 2019. Disponível em <www.wlsa.org.mz/wp-content/uploads/2019/04/Factsheet_PT.pdf>.

⁹ Mondlane, S., e D. S. M. Shoko (2003): «The Socio-Economic and Environmental Impacts of Artisanal and Small-Scale Mining in Mozambique», em Gavin M. Hilson (ed.): *The Socio-Economic Impacts of Artisanal and Small-Scale Mining in Developing Countries*, Boca Ratón, CRC Press.

¹⁰ Bata, E., e Z. Mariano (2015): «A Vulnerabilidade Socioambiental no contexto da exploração das pedras preciosas e semipreciosas em Namanhumbir, distrito de Montepuez (Moçambique), entre 2004 e 2011», *Revista del Departamento de Geografía*, 29, 34-58. Disponível em <<https://doi.org/10.11606/rdg.v29i0.102084>>.

¹¹ Abrahamson, D., E. Herb, J. J.-Z. Lin et al. (2013): *Mozambique: Recursos Naturais/Sector Extractivo para a Prosperidade*, Columbia, School of International and Public Affairs, Universidade de Columbia.

¹² Hsu, Tao, Andrew Lucas e Vincent Pardieu (2014): «Mozambique: A Ruby Discovery for the 21st Century», 03/12/14. Disponível em <<https://www.gia.edu/gia-news-research-mozambique-expedition-ruby-discovery-new-millennium>>.

O seguinte quadro resume as enormes e variadas riquezas minerais da província:

Minérios	Distritos
Areias pesadas	Palma
Carvão	Mueda (rio Lugenda)
Metais preciosos e semi-preciosos: turmalina, corundo, rubi, granada, safira	Quase todos os distritos
Grafite	Ancuabe e Balama
Ouro	Namuno, Ancuabe e Montepuez
Granitos e mármore	Montepuez

Fica clara a extrema contradição entre as riquezas naturais de Cabo Delgado e a pobreza da sua população e as enormes frustrações e revoltas a que isso pode conduzir¹³.

2- Dos conflitos violentos à guerra

Desde o início de Outubro de 2017 que a província de Cabo Delgado tem estado sob uma enorme tensão provocada por inúmeros episódios de violência que têm conduzido a uma instabilidade social, ao medo generalizado por parte das populações e a um bloqueio informativo por parte das autoridades governamentais do país sobre o que se passa naquele território. É comumente aceite pelos analistas que a emergência das presentes tensões no território são fenómenos multifacetados e que têm raízes tanto em conflitos seculares latentes, na recente recomposição da realidade relacionada com as actividades extractivas tanto no continente quanto no mar e radicadas, também, na economia política da região. Muitas pessoas têm sido mortas, muitas casas, machambas e infraestruturas foram destruídas, muitas pessoas foram decapitadas e um número incontável de mulheres e meninas foram raptadas.

Apontados pelas autoridades nacionais como principais responsáveis por estes actos de violência são os grupos islâmicos presentes na área. Contudo a situação parece ser muito mais complexa, e são apontadas várias razões que podem estar na base desta guerra vivida pelas populações na província nestes últimos mais de três anos. Por um lado, as disputas relativas terra que têm derivado das deslocações das pessoas por causa dos empreendimentos extractivistas. Perder a terra é mais do que perder uma propriedade: é perder, em muitos casos a identidade, modo de vida, dignidade, acesso a bens materiais e imateriais. Por outro lado, sabe-se que o crime organizado relativo ao tráfico de drogas ilícitas e de pessoas tem uma rota importante na província de Cabo Delgado, pelo que este factor deve ser seriamente considerado. Para além disto, os abusos de poder perpetrados por forças de segurança das empresas transnacionais e das autoridades policiais e militares do país têm exacerbado a situação provocando sérios descontentamentos protestos e conflitos. A corrupção, o desemprego e a degradação das condições de vida da maioria da população e a falta de participação nas tomadas de decisão são outros elementos a ter em consideração. Com a etnia Makonde no poder central, mas com uma população Emakua maioritária e a retirada sistemática dos modos de vida aos Mwanis, essencialmente pescadores, o poder tem-se esquecido de fazer a sua devida integração em vários processos. Com uma população minoritária a professar o cristianismo, sobretudo o catolicismo, tem uma população maioritariamente muçulmana o que provoca também várias tensões e conflitos. A lista de injustiças históricas e presentes é longa como alertam a historiadora Liazzat Bonate e o

¹³ Para aprofundar a compreensão sobre a actual situação da província e os impactos da economia extractiva nos conflitos e no desenvolvimento veja-se Cunha, Teresa *et al* (2019), *Estudo de caso: Cabo Delgado (Moçambique a terra onde não se come o que se produz e produz o que não se come*. Gernika-Lumo: Gernika Gogoratzuz (ISBN: 978-84-09-17639-7) e que está disponível na página do Centro de Investigação para a paz Gernika Gogoratzuz.

historiador Yussuf Adam, ambos moçambicanxs¹⁴. O bispo Fernando Lisboa que esteve à frente da diocese de Pemba entre 2013 e 2021 e profundo conhecedor da situação afirma que **as principais causas da guerra se prendem com os interesses económicos instalados na região**¹⁵.

Para além de intelectuais as pessoas, nomeadamente, as mulheres, fazem as suas próprias análises sobre a complexidade das potenciais causas da guerra em Cabo Delgado. Veja-se em seguida a longa e completa análise¹⁶ proposta por uma das nossas entrevistadas:

O poder dos Macondes em detrimento de outros grupos

*Estão lá por detrás disso por exemplo as questões étnicas, as questões culturais que dividem os vários grupos existentes ao nível da província de Cabo Delgado e é algo que é tido sempre como histórico, desde há muito tempo houve essa questão de **uns sentirem-se privilegiados em relação aos outros, que é o caso por exemplo dos Macondes**. Por exemplo ainda que estejamos a falar de uma situação em que os Macondes estão actualmente no poder, mas é uma coisa que desde há muito tempo e sempre trouxe um pouco desta percepção de que os Macondes são mais privilegiados em relação aos outros grupos, mas por causa mesmo da participação deste grupo étnico na luta de libertação.*

Então por causa disto eles acabaram no final, depois teve aquele processo de reintegração fez com que eles tivessem mais privilégios porque foram reintegrados para poderem receber as funções e por aí em diante. E tem esses outros grupos que não tiveram esta mesma sorte, esta mesma oportunidade, então de alguma coisa acaba influenciando sobre como é que uns se veem em relação aos outros.

As consequências de um país profundamente desigual e de um Estado negligente

*Mas eu também vejo uma coisa que não dá para deixar passar é a própria questão dos **níveis altos da pobreza dentro da província de Cabo Delgado**. Então esta questão de níveis altos da pobreza a nível da província de Cabo Delgado também pode propiciar um **sentimento de insatisfação por parte das pessoas e facilmente elas podem ser aliciadas**. Quer dizer alguém que tenha um objectivo por detrás pode usar a fragilidade que essas têm para poder se beneficiar.*

*Também aliado a isso olho um pouco a questão de **altas taxas de analfabetismo**, eu tenho dito que não é uma afirmação correcta que efectivamente esteja acontecer, mas eu digo que o nosso governo, o nosso Estado de alguma sempre não olhou com muita atenção a questão da educação, porque sempre era benéfico, **é possível manipular alguém tenha nível baixo de escolaridade**.*

A deterioração da democracia

*Sabemos o que acontece quando estamos em tempos de campanha eleitoral em que se manipula as pessoas em troca de uma camisete, em troca de um prato de comida, em troca de capulana, então sempre usou-se essa questão de **baixa capacidade discernimento da própria população para poder manipular**. Então eu olho para a situação que acontece hoje a nível de Cabo Delgado como algo se calhar **é benéfico deixar a população analfabeta porque nós podemos manipular à vontade, como algo que hoje está virar-se contra o próprio Estado, contra o próprio governo**. Hoje se efectivamente o que está a acontecer em Cabo Delgado é fruto de alguém que vem de fora e que usa fragilidade desta população para poder manipular, é fruto daquilo que nós sempre deixamos passar e fomos usando isso ao nosso favor e hoje efectivamente está virar-se contra.*

¹⁴ Ver os artigos e as análises de Liazzat Bonate e Yussuf Adam nas suas páginas pessoais do Facebook e outras publicações em acesso aberto na internet.

¹⁵ Ver aqui: https://www.youtube.com/watch?v=vIEUEF-jhwI&feature=youtu.be&ab_channel=Combonianos.Brasil

¹⁶ Os subtítulos são nossos e servem apenas para facilitar a leitura do longo depoimento analítico desta mulher.

Os recursos naturais e a ganância de alguns. A importância da crise em Montepuez

Mas também tem a própria questão dos recursos que não se pode deixar de fora, Cabo Delgado é uma província com muitos recursos, mas muitos mesmo. Uma das coisas que eu sempre fiz menção é que quando inicia o primeiro ataque ao nível da província de Cabo Delgado coincidentemente nós tivemos aquela expulsão em massa a nível do distrito de Montepuez. Quem conhece Cabo Delgado sabe que em Montepuez encontrava todas as pessoas lá, tanto vindo de toda parte de Moçambique, mas também vindo de muitos países desde Europeus, asiáticos, quer dizer havia de tudo um pequeno mundo dentro de Cabo Delgado. Então, muitos que praticavam aquela actividade eram pessoas que compravam aquelas pedras daqueles garimpeiros ilegais que praticavam aquilo.

No mesmo ano em 2017, na altura a governadora em coordenação com o ministério da defesa desencadeou uma campanha para retirada de todas as pessoas que praticavam a mineração ilegal a nível de Montepuez, e neste processo aquelas pessoas eram repatriadas, mas o que se fazia ia-se até a fronteira entre a Tanzânia, a partir de Mueda fazemos fronteira com Tanzânia mas parece que fazemos também a partir de Palma. Mas como é que o processo acontecia, eram levadas aquelas pessoas e eram deixadas ali na margem, dali as pessoas tinham que virar-se para poder sair, mas você já tinha sido expulso aqui do nosso território. Então, primeiro, não temos certeza se efectivamente aquelas pessoas saíam, segundo porque aquelas pessoas também podem ter desencadeado um sentimento de revolta porque foram-lhes arrancados muitos bens, outros tinham carros, outros tinham mesmo lojas, barracas que já tinham conquistado a nível do distrito de Montepuez e aquilo era-lhes retirado assim sem mais e nem mesmo, tens 24 horas para sair daqui, vire-se para ver o que é que você faz com os seus bens, mas você sai daqui.

A repressão e a violência contra as/os cidadãs/ãos como um dos ninhos da insurgência

Os nacionais imigraram para os distritos vizinhos que foi o caso de Ancuabe onde começaram a praticar garimpo naquelas zonas. Então houve relatos em que a própria polícia primeiro arrancava os documentos, chegam pediam os documentos aqueles que estavam numa situação de legalidade mas porque a ideia era mesmo retirar aquelas pessoas que se encontravam ali. Eles arrancavam a documentação e depois aquelas pessoas passavam para uma situação de ilegal e tinham que sair. Então, eu penso que alguma forma isso pode ter influenciado para que desencadeasse essa guerra, essas pessoas podem ter ganho um sentimento de revolta e quisessem fazer alguma coisa para poder vingar-se.

A economia política do terrorismo internacional

Mas também outro ponto que se calhar faz sentido mencionar é que se tinha um pouco essa noção que existisse a nível do nosso país, não só em Cabo Delgado, mas ao nível do nosso país células do terrorismo inactivas. Então eu penso que isso também pode ter desencadeado depois este início, quer as células estavam lá inactivas mas quando abriu-se uma oportunidade foi o espaço para poder desencadear a guerra. Alguns dos que comandam a guerra em Cabo Delgado chegaram em 2013 e se instalaram na província do Niassa, compraram lá lojas, bombas de gasolina e foram empreendendo. E a pessoa que era entrevistada dizia, quando era questionado porque é que estão aqui, porque é que estão a investir, porque estão a recrutar pessoas, porque é que estão a formar, eles diziam nós estamos a fazer isso porque nós queremos fazer guerra em Cabo Delgado, porque os moçambicanos têm muitos recursos e não estão a saber explorar. Eram africanos vindo de outros países que já haviam-se instalado na província de Niassa.

Insatisfação social, frustração das alegrias prometidas com a independência do país

Olhando um pouco para essa questão da **própria insatisfação**. Chamam pessoas de Maputo para ser pedreiros, chamam pessoas de Maputo para varrer, então há este sentimento de que nós os donos não estamos a beneficiar daquilo que são os nossos recursos. Então penso que isso também pode ter influenciado a revolta popular para que eles facilmente aderissem a este movimento, até que alguns dos áudios que foram circulando já faziam isso nós estamos a defender o que é nosso.

A economia política do capitalismo contemporâneo

Não sei se falaria um pouco de algo que tem a ver a com a **mão externa** porque não tenho muita informação a respeito, mas não duvido que efectivamente isso também possa influenciar. Nós sabemos que estamos a falar de um negócio que dentro desse negócio também existem outros países que tem o mesmo negócio, pode ser uma ameaça também e é possível que de alguma forma eles possa apoiar ou financiar essa guerra para desestabilizar o país

Nas análises que estes testemunhos nos dão há **três grandes causas para entender esta guerra: Terra, Recursos e Poder**. Elas são afirmativas e apresentam as suas razões de forma articulada e clara. Uma vez com poucas palavras e outras com discursos politicamente densos e corajosos. Uma senhora deslocada que conversou connosco afirma:

Na minha opinião eu como (eliminou-se o nome por segurança dela), eu acho que isso está a acontecer por causa de combustível.

Outra senhora, também deslocada de Mocímboa da Praia e que agora está a residir num dos distritos do sul da província explica a situação e não poupa críticas aos mais altos dirigentes do país. Ela afirma:

Disputa de poder ao mais alto nível da nação¹⁷

Na minha opinião essa guerra não é só por causa de recursos minerais. Essa guerra tem a ver com poder, até principalmente eu poderia dizer o camarada Nyusi se fosse meu familiar dizia pode renunciar para ver se a população podemos respirar um pouco. É uma questão de poder. (...) Houve aquela briga por isso que muitos de nós acusamos o Guebuza que ele sabe deste assunto, até houve um contrato do Guebuza com Anadarco, um contrato de 50 anos em que o Nyusi anulou aquele contrato. Esse contrato de 50 anos qual é a receita que podia ter? Não podíamos ter nenhuma receita porque normalmente o contrato é de 5 em 5 anos, então 50 anos impossível. E que aquele mesmo dinheiro nem parou no cofre do governo. Nyusi anulou, então depois anular aquele contrato já surge esse conflito porque era por causa desses recursos minerais que é do gás. Por isso estamos a dizer o Nyusi depois de anular aquele contrato houve esse conflito, foram-lhe fechar a boca.

Esta guerra é contra o povo, mas não contra as transnacionais que estão a explorar os recursos

Estão lá, estão aí a trabalhar normalmente e essa guerra pode haver tantos anos não vai ouvir que em Palma entraram. Em Palma distrito não vão entrar. Estão lá militares, mas quem está pagar esses militares é a própria Anadarco.

Esta guerra usou a manipulação dos jovens e do Islão para ser feita

Eles usaram islâmicos para penetrarem em Mocímboa, para convencer mais jovens em Mocímboa. Nessa guerra foram aproveitados mais aqueles jovens de Mocímboa. (...) Exactamente, aqueles jovens aceitaram porque ali em Mocímboa existe contradição, os donos de Mocímboa não querem vientes dizem que Mocímboa é deles, então eles penetraram em Mocímboa com essa religião muçulmana, islâmica pondo esse nome de mesquita al-

¹⁷ Os subtítulos são da nossa responsabilidade e apenas servem para permitir uma leitura mais clara.

shabaab. No princípio na era isto, era para atingir objectivo deles esse de guerra. Então aqueles jovens ficaram mais convencidos para expulsar essa população, nós vamos estar aqui em Mocímboa como os donos nativos. Isso não aconteceu, agora estão se arrependendo, sem suas mães não estão lá em casa, estão na rua dum lado para outro.

Em nenhum momento nestas análises surge a ideia de que o que está na base da guerra sejam desavenças religiosas ou uma acção externa do terrorismo internacional o que contradiz, em grande medida a narrativa oficial do governo de Moçambique. Apesar de todos os esforços mediáticos nesse sentido, quem está no terreno vislumbra muito mais complexidade e razões internas que não podem ser negligenciadas e esquecidas.

3- As fases da guerra vistas e analisadas por elas

No início parecia que os ataques perpetrados pelos diversos grupos de jovens, que começaram a ser apelidados pelas populações de Al Shabaab¹⁸, tinham como alvo, instituições das autoridades moçambicanas. Nas palavras da senhora que entrevistámos podemos discernir várias fases desta guerra. Na primeira fase havia ataques violentos, mas as pessoas fugiam e voltavam. Além disso a narrativa do governo era de que se tratava de coisa de pouca monta e controlável:

Quando iniciam os ataques, por exemplo, procuraram usar a capa de que nós estamos com o povo e queremos vos libertar das opressões que é o Estado, para que que vocês possam efectivamente conseguir alcançar aquilo que vocês desejam e que não conseguem alcançar. Depois a um dado momento o governo consegue ganhar um pouco a simpatia da população e há um pouco de um movimento da população no sentido de poder apoiar o governo e os insurgentes começam a perceber que: olha parece que estamos a perder terreno.

No entanto houve um ataque que eles fizeram na própria vila de Mocímboa, eles atacaram bancos, estabelecimentos comerciais e pegaram aquele dinheiro foram distribuindo. Então eles tiravam dinheiro do Estado, mas depois de ter-se realizado aqueles ataques sucessivos, começaram a motivar as primeiras deslocções das pessoas, mas de uma forma tímida porque o governo sempre procurou trazer um pouco este sentimento de que olha não é algo de grande dimensão nós vamos controlar, voltem às vossas casas, vão trabalhar a machamba. Entre 2017 e 2018 nós tivemos esta situação em que as pessoas fugiam, mas retornavam, fugiam e retornavam, tando que essa época não tinha essas entradas massivas ao nível da cidade de Pemba, ao nível dos outros distritos que, entre aspas, são seguros.

Porém as coisas começaram a mudar e instala-se, segundo ela uma segunda fase do conflito. Começam-se a multiplicar os ataques e a propaganda sobre as boas intenções dos insurgentes que parece suscitar apoios entre as populações que parece não entender o alcance ideológico e político que lhes subjaz. Assiste-se à inacção do governo e à falta de capacidade de agir para terminar com a violência. As pessoas começam a fugir e a não voltar ou a demorar a voltar aos seus lugares de origem. O medo que a guerra se instale e perdure torna-se real:

Havia um pouco essa sensibilização do governo e a população acreditava, fugiam, mas voltavam. Então quando os insurgentes apercebem-se que afinal de conta parece que estavam a perder o terreno, eles voltam a desencadear ataques no sentido de afirmar: nós estamos convosco e o vosso inimigo é o governo. Então começam a fazer esses ataques, pegam aquele dinheiro distribuem na população e publicam alguns vídeos em que efectivamente se veem eles com camiões cheios de produtos que foram retirados dos comerciantes locais a população a aplaudir e dizer em língua local que vocês são o nosso salvador, vocês é que estão connosco, vocês é que cuidam de nós.

Então mais uma vez a questão das desigualdades sociais a jogar um papel preponderante na forma como é que a população se coloca diante deste

¹⁸ Esta designação significa 'Jovem' em língua árabe. Dela resulta outra palavra, muito usada na província que é machababos, que significa jovens num sentido pejorativo e que é uma apropriação do árabe para as línguas locais.

perigo. Eu penso que há aqui um pouco o sentimento de que a população não tinha a dimensão do que é que efectivamente estava a acontecer e qual o perigo que isto representa para nós em Moçambique.

Então foi uma expectativa de quase todos nós de que o governo saísse na televisão e dissesse olha, nós estamos a conseguir, houve um contra-ataque no distrito X, e tantos insurgentes foram mortos. Sempre havia um pouco essa esperança de que efectivamente parece que a situação está a normalizar-se. Mas depois dos ataques sucessivos, essa questão deles ganharem mais terrenos, alastrarem-se para os outros distritos foram fazendo com que a população se apercebeu que afinal de contas essa situação não está ser controlada como se pretende fazer perceber. Eu acho que de alguma forma isso explica estas saídas maciças da própria população: a população começa a perceber que não há essa protecção que se pretende transparecer que existe, nós estamos efectivamente numa situação de perigo e que precisamos fazer alguma para podermos nos proteger.

O tempo passa-se e as coisas complicam-se. Há melhoria de condições de vida para alguns mas começa-se a ponderar se vale mesmo a pena. A população começa a fugir e já não acredita no que os insurgentes dizem mas também são reveladas as várias formas como eles continuam a controlar muitas das pessoas e como montam as suas redes de informação entre as/os refugiadas. Começa-se a perceber que as teias da violência se reproduzem e geram vítimas e perpetradores todos os dias e que muitos insuspeitos podem afinal envolvidos na guerra e que é o sangue de todas/os que está comprometido nela. Nesta **terceira fase** a desconfiança instala-se e generaliza-se. Pode-se afirmar que as frentes de guerra são tanto militares como civis.

A guerra de Cabo Delgado é um pouco complexa porque existem uma série de acções sucessivas que vão um pouco explicando de como é que isto acontece até se chegar aqui. Me recordo que foi no ano passado (2019) que houve uma situação em que os insurgentes iam reunindo com a população, principalmente ao nível dos mercados e eles iam usando a religião islâmica de que Deus está convosco, Deus nos comunicou que vocês vão ser abençoados e quando chegar essa bênção vocês não devem negar. E quando efectivamente eles começam os ataques e depois começam o recrutamento algumas pessoas começaram a sentir medo porque eles não tinham a dimensão de porquê, por exemplo, alguém está a dizer vou ser abençoado e vou receber algum apoio. Quando eles decidem apoiar as pessoas antes de desencadear a guerra, foram dando dinheiro às pessoas e as pessoas foram investindo. Viu-se realmente ao nível da cidade a proliferação de lojas, de barracas, os mercados cheios, mas não num sentido de uma banquinha pequena, aquela de madeira, mas de banquinhas melhoradas de uma situação para outra.

Mas depois começa a desencadear aquela fase em que diziam que o recrutamento já era compulsivo. Até aquelas pessoas que não tinham noção de porquê estavam a receber aquele dinheiro e quando começaram a fugir eram recrutados compulsivamente. Também registou-se a redução ao nível dos mercados ao nível da cidade de Pemba. Então é muito complexo, mas de alguma forma acho que a ideia de usar a fragilidade da população para poder satisfazer os seus objectivos que eu acho que no fundo grande parte dos que estão lá tem noção da dimensão do que é que está por detrás desta guerra que nós estamos a abraçar, que nós estamos a defender com sangue, com toda vida dos que estão lá.

Ouvi um dia um colega a dizer olha: neste âmbito mesmo do rastreio das chamadas de que houve duas ou três senhoras que foram pegues no centro de acolhimento em Metuge e que diariamente elas falavam com os maridos. Então questionou-se que se estão a falar com os maridos esses maridos estão aonde? Porque é que não estão aqui no centro de acolhimento se vocês fugiram das vossas zonas de origem fugindo da guerra? Como é que os vossos esposos não estão aqui? Então foi-se seguindo e descobriram que efectivamente elas comunicavam os maridos e os maridos estão lá no mato a atacar. Então é complexo.

Com o desenrolar dos acontecimentos e do tempo, as pessoas, as suas casas, os seus haveres, machambas e, todo o tipo de infraestruturas que possibilitam a vida nas aldeias e vilas, passaram a ser atacadas através de uma extraordinária violência.

Segundo a análise desta senhora moçambicana a linha do tempo da guerra em Cabo Delgado, entre 2017 e 2020, pode ser traçada da seguinte maneira:

Fase 1 (2017)	Fase 2 (2018)	Fase 3 (2019)	Fase 4 (2020)
Ataques violentos, mas as pessoas fugiam e voltavam. Além disso a narrativa do governo era de que se tratava de coisa de pouca monta e controlável	Multiplicam-se os ataques e a propaganda sobre as <i>boas intenções</i> dos insurgentes que parece suscitar apoios entre as populações. Assiste-se à falta de capacidade do governo para terminar com a violência	A desconfiança instala-se e generaliza-se. As pessoas fogem e já não voltam. Pode-se afirmar que as frentes de guerra são tanto militares como civis	Fuga em massa das populações e uma guerra sem fim à vista

4- Uma guerra sem fim à vista?

A vida nos distritos do norte da província tornou-se impossível o que tem tido como efeito a deslocação forçada de centenas de milhar de pessoas que procuram chegar a algumas sedes de distrito, onde parece ainda haver alguma segurança, à procura de refúgio e apoio alimentar. Os principais pontos de chegada destas populações até ao momento são: Ancuabe, Metuge, Montepuez e Mueda e a capital da província, Pemba.



Figura 2: Segundo os relatos das populações este é o mapa da presença dos grupos armados insurgentes na província de Cabo Delgado no final de 2020¹⁹.

No entanto, a mobilidade dentro da província tornou-se numa questão de segurança militar o que tem levado a cada maior controlo de estradas através de barreiras e acções de identificação e monitoria dos movimentos das/os cidadãs. A militarização da sociedade devida à guerra é descrita assim por uma activista entrevistada por nós:

Na cidade há policiais, mas nos arredores, sempre que saís um pouquinho da cidade, há muito reforço militar, policial, há muitos postos de controlo com muito pessoal mesmo. Quando vou a Metuge tenho que passar por posto de controlo, todos os carros são registados e passam por dois controlos, só para chegar ao distrito onde eu vou passar por dois controlos.

São policiais especiais, então notas um pequeno contingente todo um aparato nesses postos de controlo. E para fazer um controlo vês, de vez em quando, alguns carros militares a circularem pela cidade, e a virem para cidade vejo alguns carros militares, alguns tanques. Aqui perto, na expansão, tem um quartel e acho que na cidade também tem então costumam a ver carros de tanques a entrarem, os aviões militares às vezes a saírem.

Segundo um estudo publicado pelo Observatório do Mundo Rural (OMR) em 4 de Novembro de 2020²⁰ haveria à data pelo menos 302 210 pessoas deslocadas só na província sabendo-se que também há pessoas a fugir e a tentar chegar às províncias do Niassa, Nampula e Zambézia, que estão a tentar escapar deixando para trás um rasto de morte e destruição.

Num artigo publicado em 21 de Novembro de 2020 pelo jornal Sinal Aberto²¹, Yussuf Adam afirmava que há pelo menos 500 000 pessoas deslocadas. No início de 2021 começou a circular nos jornais que pelo menos 560 000 pessoas estão deslocadas muito embora não haja uma confirmação cabal por parte das autoridades dadas as dificuldades de movimento e de cadastro destas populações em fuga.

A situação agudizou-se com a chegada diária à praia de Paquitequete em Pemba, durante Outubro e Novembro deste ano, de dezenas de embarcações precárias sobrelotadas com pessoas de todas as idades fugindo dos ataques e de uma morte certa. Há relatos de pelo menos 4 mulheres terem dado à luz²² nas travessias por mar em busca de segurança, embarcações que se afundaram resultando em muitas mortes por afogamento e de extrema exaustão, desidratação, desnutrição, fome e desespero. Apesar dos esforços do trabalho das/os voluntárias/os de organizações das igrejas e da sociedade civil e das instituições nacionais e estrangeiras, muitas centenas permaneceram na praia durante semanas à espera que pudessem ser conduzidas a centros de acolhimento de refugiadas/os na província ou alocadas em outros locais de reassentamento noutras províncias sendo o Niassa, Zambézia e Nampula as mais mencionadas para este efeito

Em Outubro de 2020 a Lusa publicou que se estima que entre mil e duas mil pessoas já morreram em Cabo Delgado desde 2017 sendo estas vítimas directas da guerra²³ (mortas em combate ou assassinadas). Porém, não há qualquer estudo ou estimativas publicadas sobre as mortes indirectas (por doença, fome, maus-tratos de toda a ordem derivados da guerra) que já deverão ser na ordem das dezenas de milhar.

¹⁹ Fonte: OMR, (2020), Destaque Rural 105 ver aqui: <https://omrmz.org/omrweb/publicacoes/dr-105/>

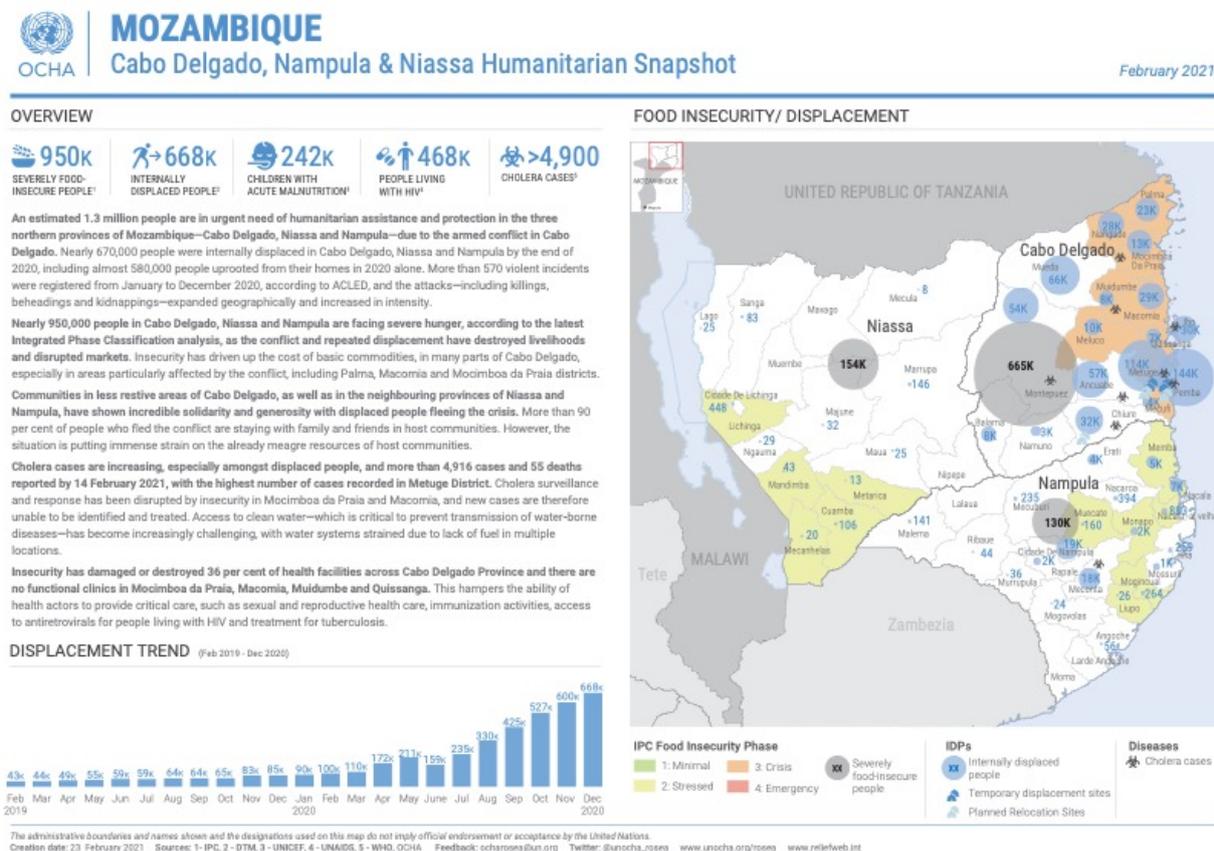
²⁰ Obra citada. Ver aqui: <https://omrmz.org/omrweb/publicacoes/dr-105/> consultado em 20 de Novembro de 2020.

²¹ Ver aqui: <https://www.sinalaberto.pt/500-mil-desalojados-a-espera-da-paz-positiva-yussuf-adam-e-o-genocidio-silencioso-em-cabo-delgado/?fbclid=IwAR3IMoNP8g6kJM094D6gXPqsvhSeAkW0ExlYrw4UGGE0Z9lpWug4cA6Zv11>

²² Ver aqui: <https://plataformamedia.com/2020/10/24/cabo-delgado-ate-1-000-refugiados-por-dia-chegam-de-barco-a-pemba/>

²³ Ver aqui: <https://www.dw.com/pt-002/cabo-delgado-ong-regista-20-mortes-em-ataques-recentes/a-55320477> . Também o jornal Canal de Moçambique numa notícia publicada a 28 de Outubro é afirmado que *cerca de duas mil pessoas já morreram desde Outubro de 2017 por causa desta guerra.*

Dados das Nações Unidas do Office for the Coordination of Humanitarian Affairs publicados no final de Fevereiro revelam uma situação extraordinariamente grave. Veja-se a seguir o mapa da insegurança alimentar e das deslocações internas em Cabo Delgado e nas províncias vizinhas de Nampula e Niassa:



Traduzimos o primeiro parágrafo da legenda deste mapa para que se entenda a verdadeira dimensão da catástrofe humanitária que está a ocorrer:

Estima-se que 1,3 milhões de pessoas precisam urgentemente de assistência humanitária e proteção nas três províncias do norte de Moçambique — Cabo Delgado, Niassa e Nampula — devido ao conflito armado em Cabo Delgado. Quase 670.000 pessoas foram deslocadas internamente em Cabo Delgado, Niassa e Nampula no final de 2020, incluindo quase 580.000 pessoas deslocadas das suas casas apenas em 2020. Mais de 570 incidentes violentos foram registados de Janeiro a Dezembro de 2020. De acordo com o ACLED – Armed Conflict Location & Event Data Project - os ataques expandiram-se geograficamente e aumentaram em intensidade e incluem assassinatos, decapitações e sequestros²⁴.

A crise humanitária, o desânimo, a frustração de tudo haver perdido e da ausência de soluções concretas para acabar com esta guerra é de uma dimensão tal que várias entidades internacionais como as Nações Unidas, a União Europeia e o Vaticano têm vindo a pronunciar-se sobre o assunto exigindo a atenção internacional e instando o governo de Moçambique a tomar medidas efectivas para proteger as suas populações e intervir de forma a que a guerra possa ser debelada o mais rapidamente possível. Também vários governos da região da SADC, nomeadamente do Zimbabwé e da África do Sul manifestaram a sua preocupação e ofereceram apoio para o enfrentamento da crise humanitária e da guerra.

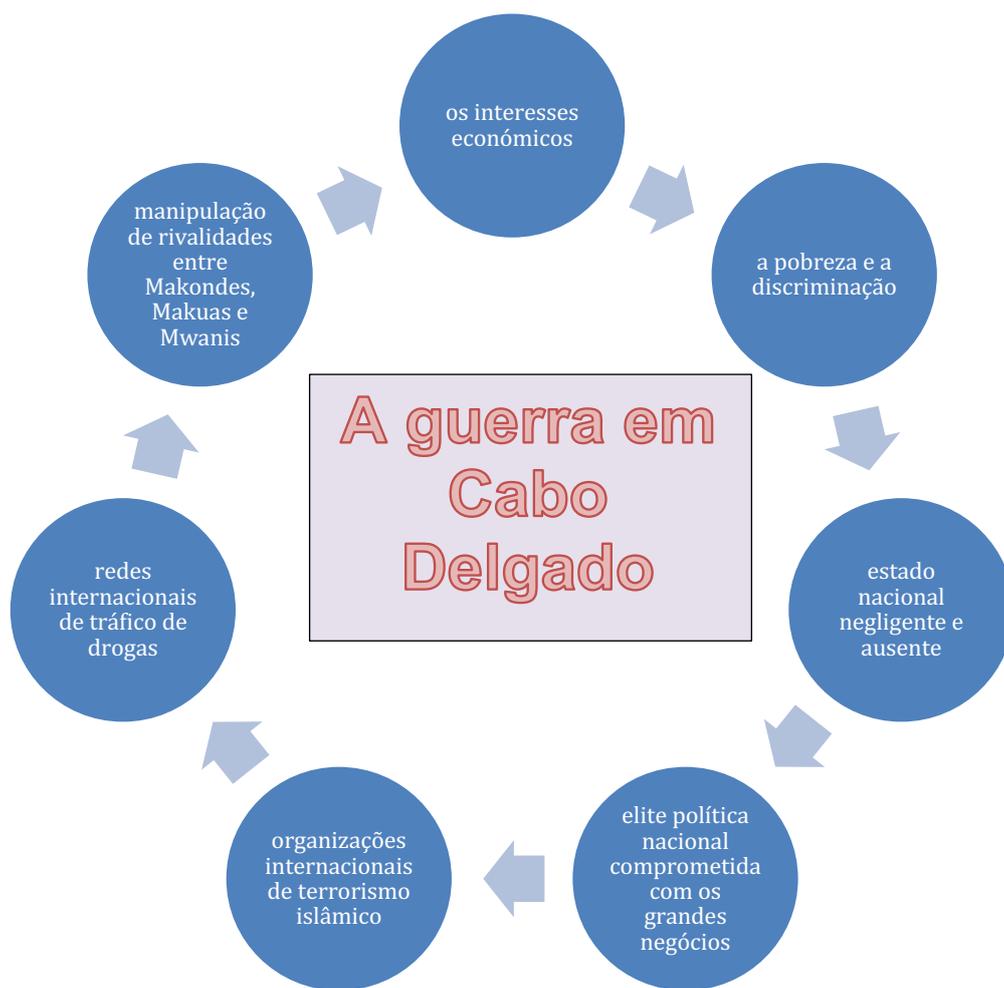
²⁴ Sublinhados nossos.

Há uma grande discussão entre intelectuais e activistas sobre quais poderão ser os fundamentos desta guerra, tanto internas quanto externas. A nosso ver, é apropriado pensar que existem múltiplas razões sendo que elas se articulam e se reforçam criando uma situação de enorme violência e gravidade política e social. A intersecção de vários problemas está, pois, a criar condições para que a guerra não apenas esteja a acontecer como possa continuar por muito tempo se uma intervenção integrada, democrática, inclusiva e holística (política, social e militar) não for posta em marcha.

Propomos a seguinte sistematização das várias causas para a eclosão desta guerra:

- (1) os interesses económicos relacionados com a exploração dos recursos naturais e os seus mega-projectos de extracção de gás, petróleo, grafite, rubis, madeiras preciosas, entre outros;
- (2) a pobreza e a discriminação sobretudo dxs jovens e a falta de expectativas para o futuro;
- (3) um estado nacional negligente e ausente resultando no abandono das populações à sua sorte e na falta de infraestruturas e serviços de toda a natureza na província;
- (4) uma elite política nacional comprometida com os grandes negócios gerados pela exploração das riquezas numa lógica de privatização das riquezas que são de todas/os as/os moçambicanas/os;
- (5) a actuação dentro do território das organizações internacionais de terrorismo islâmico;
- (6) os interesses de redes internacionais de tráfico de drogas nomeadamente do Afeganistão e Paquistão que têm estabelecidas rotas de trânsito para o interior do continente a partir da costa marítimas de Cabo Delgado;
- (7) a manipulação de algumas das antigas rivalidades entre Makondes, Makuas e Mwanis;

A interseccionalidade da economia desta guerra, segundo as reflexões das mulheres, é apresentada no diagrama seguinte:



5- O espírito crítico delas sobre a guerra e sobre as condições que são precisas para se chegar à paz

Ao contrário do que se verifica ao nível dos media de grande circulação e dos relatórios de pesquisa e de agências e organizações da sociedade civil e onde as palavras e as análises delas não aparecem - e que será tratado em apartado específico mais à frente neste relatório – o silêncio delas resulta sobretudo da ausência de interesse político e social em as ouvir e as ouvir com a devida atenção. Este documento e as falas que se seguem, em toda a sua extensão, não só contradizem essa ideia tão machista da realidade como demonstram o sexismo estrutural do qual a nossa sociedade ainda está refém.

É muito evidente o espírito crítico presente nos testemunhos e análises feitas pelas mulheres atingidas pela guerra. São inúmeras as razões dadas por elas para se sentirem defraudadas e preocupadas com o rumo da situação. Neste ponto apresentamos as suas falas e as suas propostas sobre como estão a pensar sobre responsáveis, políticas e apoios.

O nosso governo desde o princípio desprezou esse assunto

Uma parte eu dou culpa ao nosso governo. O nosso governo posso dizer que é culpado porque quando eles chegaram em Mocímboa em 2014 eles vieram com uma religião muçulmana que diziam que era uma mesquita al-shabaab e eles tapavam toda cara só via-se os olhos. E aquela cara que eles tapavam com um vestido até ali em baixo nas cinturas eles punham pistolas, facas, catanas. Então a população é aquela que descobre mais coisas e quando chegava no governo informava diziam que não tem matéria. Ou informavam que casa X há mais de tantas pessoas, aquelas pessoas são estranhas. A força saía para lá ir fiscalizar, chegava lá depois de fiscalizar os donos da casa se revoltavam: - vocês ouviram com quem? E eles divulgavam que nós ouvimos com tal fulano. E aquela gente iam ao encontro daquela pessoa, era normal encontrar aquela pessoa morta de manhã. Cada um que via só calava e ficava com mãos cruzadas porque tinha medo ser denunciado. Me recordo de um chefe de aldeia que foi informar na PRM que temos mais de quinze populações numa única casa mas dizem que vinham de Quissanga, Quiterajo e Mucojo mas aquela população é estranha para mim. Então foram a lá, a polícia foi fiscalizar e tudo mais voltou, recrutaram aquela população para o comando. Chegaram no comando depois de investigação deles e que não tinham matéria. Nessa noite revoltaram e foram matar aquele chefe do bairro. Degolaram mesmo tiraram a língua, cortaram a cabeça. Para dizer que o nosso governo desde o princípio desprezou esse assunto, mas agora já está-lhes tornar difícil porque já tem raiz e está tornar mesmo muito difícil para eles, mas o que aconteceu é muito triste.

Taparam-lhe os tímpanos e puseram cadeado na boca. Ele agora está calmo. E Nós?

Nós já não temos onde ir, mas nós culpamos o governo, mas principalmente posso ir presa mas principalmente o Guebuza, principalmente o Guebuza ele sabe deste assunto apesar de eu ser do governo, sou da Frelimo mas Guebuza sabe deste assunto e o Nyusi já não sabe como fazer, principalmente ele não sabia disto aqui mas agora vieram-lhe tapando tímpanos, lhe trancaram com cadeado a boca e ele também está calmo. E o que é que está acontecer agora, aquela força que vem, que são mandados de que vão defender o povo.

E afinal quem são os nossos malfeitores?

Exactamente, aqueles que são mandados de Maputo para cá, aqueles estão a ganhar e não estão a nos defender, não estão a nos defender. Eles mesmo se organizam em grupo ir numa aldeia atacar dizer que são malfeitores e o

que nós ficamos mais admirados eles mesmos estes malfeitores também têm fardamento novo em relação ao militar, fardamento mesmo novinho e igualmente, igual mesmo sem nenhuma diferença. Então ali para a população é difícil identificar quem é malfeitor e quem é militar. Aconteceu em Mocímboa em Março (2020) mesmo quando atacaram, aqueles militares depois deles saírem entraram ali nas lojas começaram a invadir aquelas lojas, levaram os bens e esquecer que nos deveriam estar a defender. Agora cerveja estava se a tomar ali, entravam numa loja deixaram aberta levavam cerveja estavam a beber ali. Aqueles não estão para nos defender.

Militar e autoridade nos obriga a ser provisórios. Mas vamos ser provisórios até quando?

Estão a tornar difícil primeiro como eu digo levam entre eles e depois além de levar entre eles, é dita que naquele terreno não pode semear qualquer árvore porque estamos ali é provisório. Mas nós vamos ser provisórios até quando? Há mesmo garantia de voltarmos para casa? E o governo quando te dá aquele espaço, não te dá nenhum apoio de construção só te dá aquela parte e te deixou. Onde é que você vai apanhar chapas de zinco? Você pode cortar uns bambus pequenos, pauzinhos e vais vendando.

Não dá. Se você tem condições vai comprar com alguém machamba para você fazer mas te darem um espaço para fazer machamba não. Eu até que limpei no meu telefone estive lá onde é dito Nanjua, tem um espaço de 1075 talhos, 1057 a quem cabe? Aquilo aí por exemplo para Mocímboa é só um bairro, agora veja ali 1075 talhos para dois distritos Mocímboa e Macomia é insuficiente. Eu fui lá não consegui e voltei, não culpei a ninguém só vi que não hei-de conseguir neste sítio não dá.

Não há políticas nem para as/os funcionárias/os do governo que estão deslocadas/os

Por isso eu digo que o governo é culpado, ainda não temos nenhum apoio até hoje em dia, estou na administração assim mas nenhum apoio que o governo fez pelo menos dizer vamos acolher funcionários não só da administração, vamos acolher funcionar não fez, não fez, não só para mim mas para todos funcionários. E estamos aqui pelo menos eles o que é que podiam fazer, nos levar para um certo lugar de acampamento eles pôr pelo menos aquela tenda dizer os funcionários ficam aqui, mas o que é que está acontecer, cada um está se pendurar por si e como sabem que o salário de funcionários é magro pior nós que não somos doutores, chegamos aqui temos que levar vale só para ver se vamos estar a arrendar casas. Aquele apoio de procurar o nosso funcionário onde é que está o que não tem... Falando do apoio mesmo o meu irmão que eu estou a referir estava na educação e desde Junho (2020) tratei alguns documentos aquele pagamento de subsídio de morte e de funeral até hoje ainda não tenho nenhuma resposta. Levei este caso para o administrador apresentei de 10 de Junho até hoje não tenho resposta.

Às pessoas desavisadas estas podem parecer preocupações ingénuas pois não correspondem às macro-políticas económicas e de resolução de conflitos violentos. Contudo, o rigor e a honestidade intelectual obrigam-nos a discernir nelas questões absolutamente fulcrais que vão sobre a disputa dos espaços de poder ao mais alto nível, a corrupção, as políticas fundiárias – não apenas de reassentamento de refugiadas/os – à estrutura administrativa do Estado, políticas públicas de segurança social e também da importância da identidade e memória tão centrais na construção de qualquer sociedade de paz.

II - Impactos da guerra em tempos de pandemia e de calamidades devidas às alterações climáticas

A esta situação de violência extrema temos que somar o facto de Cabo Delgado ter sido atingido em Abril de 2019 pelo ciclone Kenneth que provocou enormes danos tanto no território como às populações e que estão, em grande medida, por superar, nomeadamente no que toca à segurança alimentar e a reabilitação total das infraestruturas destruídas.

Como se não fosse suficiente, em 2020 a pandemia pelo novo Coronavírus trouxe mais um perigo a enfrentar que se junta a outras doenças endémicas como as diarreicas, o HIV/SIDA e a tuberculose degradando ainda mais a saúde pública e a possibilidade de aparecerem surtos infecciosos altamente contagiosos. A insegurança alimentar e sanitária são, pois, duas preocupações maiores que juntamente com a violência dos ataques e da guerra fazem com que a situação seja considerada excepcionalmente grave.

Assim, apontamos 13 principais impactos desta guerra na vida das populações os seguintes:

1

a tensão financeira, emocional, de espaço e alimentatr a que estão sujeitas as famílias que estão a receber nas suas casas as pessoas deslocadas

2

o abandono forçado das terras, habitações, gado e outros bens assim como de pontos de pesca está a incentivar ocupações indevidas e a provocar uma reorganização fundiária não desejada. Isso tem sido fonte de conflitualidade acrescida entre famílias e populações e de processos de apropriação ilegal e de aparecimento de novos negócios marcados pela ganância e para fazer dinheiro com a guerra (produtos alimentares e de higiene, utensílios básicos, capulanas, entre outros)

3

a pressão exercida sobre os recursos naturais como a terra, água, florestas e pesqueiros sujeitos a uma depredação e poluição sem controlo;

4

a interrupção dos modos de vida e dos rituais de passagem considerados fundamentais para a vida pessoal e colectiva; a falta de acesso a ervas, raízes e outros medicamentos que as pessoas utilizam no seu dia-a-dia;

5

a presença de muitxs estrangeirxs (vientes) que trabalham nos mega-projectos de extracção de minério, madeira, gás e petróleo e estão, aparentemente, a ser poupados a esta violência

6

a distorção do valores morais considerados localmente adequados e desejáveis e o consequente aumento de comportamentos individuais e colectivos qualificados de desviantes e perigosos como: roubos, ausência de gentileza, falta de respeito, uso de palavrões, prostituição, abandono de crianças, entre outros

7

o aumento das desconfianças e ressentimentos a vários níveis: da população no que diz respeito às autoridades moçambicanas que parecem não estar a ser capazes de acabar com o conflito e a violência, a corrupção e as denúncias sobre o seu comportamento que não respeita os Direitos Humanos; entre as famílias por receio de maridos e outros parentes masculinos de algumas pertencerem a grupos de insurgentes; entre os grupos etnolinguísticos prevalentes no território com acusações mútuas de conivência com o poder central, Macondes, relações especiais com a violência, Mwanis ou ainda os fazedores de negócios e dinheiro, Macuas; entre as populações e as grandes empresas exploradoras dos recursos naturais que parecem continuar a operar sem que nada as atinja;

8

o empobrecimento drástico e endividamento das famílias face a esta realidade e o aumentos das desigualdades

9

a pressão emocional que representa a perda de familiares, sobretudo de crianças, por assassinato, por rapto ou maus tratos pelos diversos actores no terreno sejam estes as milícias de insurgentes, as forças de defesa e segurança, a polícia ou bandidos

10

um blackout da informação credível e sustentada em fontes fidedignas em meios de comunicação social, as ameaças, a prisão e o desaparecimento de jornalistas e de pessoas que prestem testemunho ou façam circular fotografias, vídeos ou outros elementos esclarecedores da real situação vivida;

11

a militarização da sociedade e a disseminação de uma cultura de violência e repressão como forma privilegiada de resolver os conflitos;

12

o aumento da violência sexual conta as mulheres e as raparigas que se manifesta de muitas formas: escravatura sexual, casamentos forçados de adolescentes, prostituição, gravidezes forçadas, violência sexual exercida por maridos e companheiros em contexto doméstico

13

o atraso na reconstrução dos danos causados pelas alterações climáticas, ausência de serviços públicos para todos, e atrasos nos planos de desenvolvimento justo e equitativo

Todos estes impactos, e outros que porventura ainda possam ser enumerados, são sentidos de forma diferenciada entre as mulheres e os homens, entre as meninas e os rapazes e também entre as pessoas idosas dos diferentes sexos. Para chegarmos a um entendimento mais próximo da realidade, é necessário fazer um esforço para perceber algumas das especificidades das experiências e das vozes das mulheres, de todas as idades, que vivem ou viviam em Cabo Delgado.

A Paz não poderá nunca ser efectiva se elas não forem escutadas e não participarem activamente na compreensão das causas deste conflito, na busca de soluções duráveis e na reconstrução pós-bélica²⁵.

²⁵ A importância da presença e das vozes das mulheres durante e depois dos conflitos bélicos está consagrada e descrita pormenorizadamente na Resolução 1325 do Conselho de Segurança das Nações Unidas aprovada no ano 2000. Ver aqui: <https://www.wlsa.org.mz/wp-content/uploads/2018/06/N0072018.pdf>

III - Cabo Delgado: onde as mulheres já não podem dormir, só vivem

1- Quantas são e o que fazem - ou faziam antes da guerra

Dos 2 320 261 habitantes da província de Cabo Delgado, 51,6% são mulheres. O INE estima que as pessoas economicamente activas correspondam aproximadamente a 44,1 % do total da sua população. 87,4 % das pessoas deste universo trabalham na agricultura, silvicultura, pescas, extracção mineira e comércio informal. No entanto, a principal base económica da população de Cabo Delgado é a agricultura, praticada, fundamentalmente, em moldes tradicionais. A província dispõe de uma área de cerca de 5,6 milhões de hectares de terra arável, dos quais cerca de 1 milhão de hectares estavam em uso por aproximadamente 527 324 famílias.

A partir destes dados, fica fácil de compreender que **a grande maioria das mulheres, jovens, são camponesas e praticam uma agricultura familiar ou realizam actividades relacionadas com a pesca e o comércio informal.**

2- Na perspectiva dos homens as mulheres estão a ser poupadas nesta guerra. E o que dizem as mulheres?

Este é um assunto da maior importância para uma análise de género desta e de todas as guerras. Numa perspectiva estreita a guerra é compreendida como o combate violento entre forças beligerantes. Nesta óptica, e porque grande maioria dos combatentes são homens, as mulheres são entendidas como estando fora da guerra, ou no limite, a serem poupadas das violências da guerra. Mesmo quando há evidências de mulheres combatentes, em exércitos formais ou de guerrilha, elas são pensadas como excepcionais e não fazendo parte do grande grupo de seres femininos que ficam de fora, segundo esta visão, do esforço de guerra. **As feministas têm vindo a contrariar esta leitura da guerra e mostram que as mulheres ficam plenamente envolvidas na economia e esforço de qualquer guerra ainda que não participem directamente no campo de operações militares. As que não são militares ou guerrilheiras são arregimentadas para trabalhos de apoio logístico, para o economato das bases, para o transporte de armas e munições, para cuidar de feridas/os; elas são utilizadas como informadoras, vigilantes e denunciadoras; elas produzem alimentos e medicamentos; elas são secretárias e muitas vezes escravas sexuais dos homens dos seus exércitos. As mulheres fazem parte, a todos os níveis, da acção bélica de forma directa e indirecta. Só por estes motivos é errado pensar que a guerra 'é coisa de homens' onde as mulheres não têm lugar. Além disso, como provam os muitos estudos realizados em Moçambique sobre as mulheres na guerra de libertação e na guerra dos 16 anos, as mulheres sempre estiveram maciçamente presentes e sofreram todos os danos e perigos que essas múltiplas tarefas lhes impuseram.**

A esta realidade impõe-se somar todas as tarefas e todos os sofrimentos que uma guerra, qualquer que ela seja, acarreta para as suas vidas: abandono, pobreza, doenças, abusos sexuais, raptos, assassinato, traumas e sujeição a espiral de violência que se estende do campo de batalha até ao espaço doméstico. Estas consequências da guerra são todas vividas directamente nos corpos das mulheres e nas suas mentes. Como bem explica uma das mulheres de Pemba:

Falam como se esta guerra não afectasse as mulheres e tentam transparecer a ideia de que elas estão mais protegidas porque elas são as que saem das zonas de conflito e conseguem chegar até as zonas mais seguras para pedir assistência. Dizem-nos que quem efectivamente está a ser afectado em grande parte por esta guerra é o homem porque nós nem sabemos onde ficam e onde estão. Então eu penso que a mulher também é muito afectada, estamos a falar também não só dessa questão das violações, mas da própria renda, daquela família toda que depois tem que ficar na responsabilidade dela, penso que é um processo muito duro que a mulher está exposta dentro desta guerra.

A guerra atinge as mulheres de uma forma diferente e duplamente. Normalmente não se fala muito como é que as mulheres estão a ser atingidas, como estão a ser afectadas pela guerra ao nível de Cabo Delgado. Apesar de se dizer que elas não são vítimas directas porque não sofrem as

decapitações, as mulheres sofrem duplamente nesta guerra. Sofrem na mão dos insurgentes e sofrem também na mão das próprias forças porque existem relatos de que as mulheres são abusadas sexualmente tanto pelos militares quanto pelos insurgentes e não só as mulheres acima dos 18 para cima, mas as próprias raparigas também são abusadas. E quando são questionados, os militares dizem:

- Nós deixamos as nossas famílias, as nossas esposas para vir defender a vocês e como é que vocês pensam que nós vamos nos satisfazer?

Então eu penso que há aqui uma vulnerabilidade adicional da própria mulher dentro deste processo de guerra. Elas não têm onde recorrer nem a quem prestar assistência. Elas estão expostas a sofrer abusos diante dessas pessoas.

Eu me recordo que ouvi um caso de uma senhora de Mocímboa e o marido estava em Pemba. Ela trabalhava em Mocímboa da Praia, então ela presenciou um ataque. Depois quando tinha que subir o barco para poder ir a Pemba ela vê de novo um homem em frente dela com a mesma farda e aquela senhora entrou em pânico, disse: eu não entro neste barco porque a pessoa que me atacou lá atrás estava com esta roupa como é que depois vou entrar num barco. Teve que se fazer um trabalho para poder sensibilizar para que a senhora pudesse entrar no barco.

Por outro lado, as condições sanitárias e de segurança durante o processo de fuga e de acolhimento enquanto refugiadas de guerra é muito complicado e mostra-se, em muitos aspectos, como um inferno a que as mulheres ficam sujeitas quase todos os dias e em momentos muito importantes e decisivos para elas como durante os seus partos. Mais uma vez o testemunho directo leva-nos até esse mundo de infelicidade e sofrimentos provocados pela guerra na vida das mulheres:

As mulheres estavam a dar parto ainda no mar, sem condições nenhuma e quando chegam tem-se oferecido um kit básico de higiene, sabão, em termos de alimento dão óleo, arroz. Mas eu penso que não é algo que vá satisfazer as necessidades das mulheres falando mesmo até da própria acomodação. Em cada tenda são colocadas duas famílias. Uma tenda para duas famílias, então eu não estou a ver aqui espaço de poder garantir a privacidade de uma mulher dentro de uma tenda, não sabemos como é que são as próprias condições de higiene, mas precárias.

Não há sanitários para as mulheres. Sanitários para as mulheres é uma coisa que não tenho informação, não tive acesso. Muitas pessoas que estão a ser acolhidas ao nível de Cabo Delgado estão a ser acolhidas dentro de famílias carenciadas. Então se estão a ser acolhidas dentro de famílias carenciadas não vejo aqui espaço de garantir esses cuidados para essas mulheres numa casa precária com 30 pessoas.

De uma forma acutilante, outra senhora deixa-nos a sua análise sobre a forma e porquê se escondem a vitimização estrutural das mulheres nesta guerra. Ela aponta razões políticas que devem ser lidas e consideradas com toda a atenção. Vejamos:

Acho que sabem que as mulheres são as mais vítimas nessa situação, eu não sei porquê não falam mas acho que têm medo de a informação passar para outros países, outro mundo. Na verdade está acontecer muita coisa que a comunicação social não está a revelar e também quando sobressai uma mulher que quer falar sempre é conotada, é mal vista ou vão cortar o subsídio que foi dada.

O que estou a pensar talvez eles estão lá relaxados, não estão a viver na pele, as mulheres estão a sofrer. Então a minha maneira de ver talvez era de sensibilizar todas mulheres, talvez fazer marcha a pedir para que a guerra acabe, porque nós mulheres é que estamos a sentir muito na pele mesmo. Então talvez sugeria isso de que se houvesse uma marcha de todas mulheres a reivindicar ou a gritar para dizer basta a guerra, o governo podia ouvir mas não sei se haveria espaço, no meu pensamento tinha que ser isso.

Outra senhora deixa claro que o sofrimento é de todas e todos não importa o sexo, a idade: basta estar apenas na rota da guerra:

Lá o sofrimento não escolhe, se lhe apanha com um bebé daquela idade lhe tiram, eles levam o bebé e vão embora assim você tem sorte, se não tem sorte você é morta. Não tem sofrimento de uma parte, se encontram mulher cortam, se encontram homem cortam mesmo de matar.

3- Autoridade, legitimidade e os trabalhos das mulheres posto cada vez mais em causa

A guerra está a retirar-lhes as suas machambas, o acesso à água à lenha, ao pescado, aos medicamentos naturais o que tem impactos graves na sua sobrevivência e na das suas famílias.

Uma boa parte da autoridade e legitimidade das mulheres dentro das suas famílias e das suas comunidades está relacionada com: o uso e aproveitamento da terra; a produção e processamento dos alimentos; dos seus conhecimentos sobre o uso de plantas para medicamentos ou feitiços; do seu protagonismo nos diversos rituais de passagem para os quais os conhecimentos da floresta/mato são vitais; a sua maternidade; os trabalhos dos cuidados com descendentes e ascendentes. A destruição e o abandono das suas terras e lugares de vida, torna-as ainda mais vulneráveis a todos os tipos de violência e discriminação. Além disso isola-as e elimina todas as redes de vizinhança e de apoio que tinham nas suas aldeias e vilas.

Essa situação é descrita nas palavras de uma mulher desta maneira realçando o absurdo das medidas que estão a ser pensadas implementar e os traumas que isso está a gerar mais a vulnerabilidade que é criada sobre a vitimização da fuga, da perda, e dos abusos sofridos:

Penso que faz muita diferença, estamos dizer que perdemos a única fonte de que lhes dava autonomia. Então eu penso que aqui surge uma exposição acrescida dessa própria mulher diante aquelas pessoas que deveriam ter respeito por ela. Então penso que é algo que vai expor mais as mulheres ao risco, eu até conversava outro dia com primo, não sei agora como é que está ser feito, mas ele dizia que a primeira ideia de reassentar aquelas que estão nos centros, era darem um espaço de terra de 10m por 15m ou 15m por 15m. Então como é que vocês estão a dar espaços de 10m por 15m para pessoas cuja fonte de renda é agricultura? O que é que vocês acham que estão a fazer com essas pessoas? Eu disse desculpa, eu não estou aí, mas você falou disso e eu me ocorreu na cabeça que não estamos a fazer nada, porque não vamos conseguir resolver o problema dessas senhoras, não vamos conseguir resolver o problema das mulheres porque elas são obrigadas a ter que se desligar. Para além de ter a terra como o seu rendimento, mas é um meio lhe viu crescer e muitas dessas pessoas nunca saíram, nasceram e cresceram naquelas terras, então eles obrigatoriamente têm que se desligar daquele meio para poder ir iniciar a vida num outro lugar.

A guerra está a aprofundar as desigualdades através da destituição da autoridade e legitimidade que as mulheres possuíam em algumas esferas da vida.

4- Abusos corporais, escravidão sexual e prostituição

A guerra em Cabo Delgado tem trazido para a vida das mulheres e meninas mais abusos sobre os seus corpos, escravidão sexual e prostituição. Distinguimos três âmbitos principais em que ocorrem variadas violências sexuais:

Raptos, estupro e escravidão sexual de meninas

Os raptos de meninas e senhoras que têm acontecido ao longo do conflito e que têm sido denunciados pelos media e por activistas locais.

O relato de uma activista revela que uma senhora que acolhia e cuidava de meninas raptadas e violadas (chegou a ter 202 meninas em sua casa) foi ela mesma estuprada e ameaçada por estar

a realizar esse trabalho. Teve que abandonar a sua casa e o centro de acolhimento que havia construído e refugiar-se em Pemba recusando-se a falar sobre o assunto com medo do que lhe possa vir a acontecer.

Sabe-se que em caso de violência bélica o corpo das mulheres é transformado numa arma de guerra e um campo de batalha para a humilhação do inimigo. Em Cabo Delgado não tem sido diferente. Mesmo não se sabendo quantas já passaram por isso, percebe-se que é prática comum e pelo menos várias centenas estão a sofrer com profundos danos físicos, morais e emocionais devido à experiência do estupro e da escravidão sexual a que são sujeitas. Uma das nossas entrevistadas contou o seguinte episódio que permite compreender a dimensão do problema:

As duas meninas tinham ido à machamba de manhã cedo e voltavam para casa pela estrada. Viram ao longe homens sentados numa sombra. Eram oficiais que conheciam da vila porque estavam sempre por lá. Elas decidiram avançar porque se sentiram seguras por estarem aqueles oficiais ali. Uma delas precisou ir ao mato fazer necessidades menores mas a outra menina avançou caminhando na direcção daqueles homens. A que tinha ficado para trás quando estava a chegar de novo à estrada viu aqueles oficiais a arrastarem a sua amiga para dentro do mato e ouviu os gritos dela. Assustada ficou em silêncio e o mais quieta possível com muito medo que a encontrassem. Ficou a chorar o resto do dia ali escondida. Mais tarde foi procurar a amiga. Estava morta e abandonada no mato. Tinha sido violada por aqueles oficiais até morrer. Ficou desesperada mas resolveu não fazer queixa porque eles são as autoridades mas em vez de proteger a população eles violam, matam e torturam. Ela fugiu da vila e mais tarde contou-me o que se passou quando eu estava a dar apoio às raparigas refugiadas.

Outra senhora conta o seguinte horror testemunhado em primeira mão:

As novas são essas que foram raptadas agora. Estão a ser violadas mesmo é o que está acontecer. É normal 1 senhora com 4 um homens o que não é possível. Morremos muito. Eu pessoalmente perdi o meu irmão Timóteo, levaram a ele junto com a esposa, arrancaram documentos o meu irmão entregaram e aquela esposa levaram, é a esposa deles lá no mato lá, o meu irmão degolaram.

Também nos Campos de Acolhimento as notícias de abuso sexual de meninas são constantes. Nas palavras de uma das nossas entrevistadas fica claro que as condições em que vivem não só não ajudam a prevenir, mas pelo contrário, são propiciadoras de insegurança sexual, transmissão de doenças sexualmente transmissíveis e gravidezes precoces como consequências directas:

Uma das pessoas com que eu trabalho relatou-me cinco casos de abuso sexual em Metuge que é onde nós trabalhamos, mas ainda estamos a averiguar. Casos por exemplo de violência sexual ainda é um processo para que as vítimas falem, para que nós tenhamos conhecimento, mas sabemos que de certeza deve acontecer agora com a questão toda necessidade, da fome, da exposição, as meninas estão muito mais expostas. Imagina que numa tenda tenham que dormir 11 pessoas em que condições? Como? Mesmo naquelas casas de palhotas que eles costumam a fazer conseguem garantir a divisão dos cómodos, uma coisa de um metro não chega para grande coisa, eu penso que em geral é isso.

Prostituição forçada das mulheres

Circulam notícias, não detalhadas, do aumento da prostituição feminina. Há múltiplas causas para isso estar a acontecer. Segundo os testemunhos de activistas os principais são: o aumento de estrangeiros que buscam serviços sexuais, sobretudo nas zonas de mineração intensa; a troca de serviços sexuais por comida e outros bens essenciais e nos quais estão envolvidas autoridades locais como chefes de bairro e de localidade e outras pessoas que estão à frente da distribuição da

ajuda humanitária. A prostituição das mulheres tem como consequências: a vergonha pessoal, os traumas emocionais e físicos com o aumento das doenças sexualmente transmissíveis, a infecção da COVID-19, do HIV/SIDA e outras doenças contagiosas e ainda o aumento de conflitos familiares e o abandono delas por parte de companheiros e maridos.

Nas palavras de uma das nossas entrevistadas a situação é a seguinte:

A vida em Montepuez está um pouco cara por causa das populações que estão a sair de ela e eles não tem dinheiro, não tem onde dormir, a situação não está tao boa. Os problemas específicos que estão a enfrentar as famílias que as recebem, estão enfrentar grande problema porque há organizações que tiram comida para eles mas aquela comida, os chefes não fazem chegar a vítima. Também há situação de violação sexual de raparigas, as mulheres, por que há chefes que não dão até eles dormirem com elas, desculpe pela expressão. São os chefes dos quarteirões, chefes dos bairros, chefes de 10 casas.

Às vezes elas falam, só que quando falam aquilo elas sempre têm medo, não falam assim abertamente, mas falam com uma pessoa parente ou activistas, fala com elas e explica.

Estupros e outros abusos sexuais durante a fuga à guerra

A situação de enorme tensão e precariedade das condições em que se dá o abandono dos locais de vida, a separação das famílias e, portanto, dos meios de protecção inter-pessoal, as longas caminhadas por caminhos desertos e perigosos ou as viagens em condições de grande vulnerabilidade expõem as mulheres e as meninas a ambientes que facilitam e até promovem os abusos sobre os seus corpos, como toques não desejados e não consentidos, e os estupros.

Uma fonte explicou que nos últimos 2 meses a população contou mais de 1500 mulheres e raparigas raptadas pelas milícias de insurgentes/rebeldes. Explicou ainda que essas mulheres são divididas em dois grupos e lhes atribuem os seguintes nomes que as degradam e as reduzem a seres sem qualquer direito. As mais bonitas e elegantes são separadas das outras e chamam-lhes 'massa porque são boas para comer', isto é, servem para se tornarem escravas sexuais deles. As outras são chamadas de 'mapira' e são mandadas trabalhar nas machambas e cozinhas e servem de escravas sexuais daqueles que, dentro da organização, são considerados de baixo escalão. Quem trouxe estas notícias foi uma rapariga que conseguiu fugir e esteve no mato por dez dias até conseguir caminhar e fugir da zona.

Estas metáforas mostram bem o nível de violência sexual, emocional e simbólico exercida sobre estas mulheres e raparigas durante o cativeiro sem saberem, além disso se sobreviverão ou se algum dia poderão retornar às suas famílias e se estas as aceitarão.

Uma das nossas entrevistadas conta-nos alguns detalhes deste horror assim:

Há uma coisa, elas não gostam muito de dizer que foram violentadas é vergonha é não sei que. Mas estão haver muitas violações mesmo no nível interno lá nas matas muitas mulheres são violadas sexualmente. Tem uma senhora que vive aqui na cidade e eu conheço a ela e ela disse não quer falar comigo, já disse não vou falar nada, ela diz não vou falar nada Júlia e eu disse não tem problema. Então eu pedi às psicólogas, eu disse atenda as psicólogas e não quer falar com as psicólogas e não quer falar com ninguém porque ela era uma das mentoras, cada vez que raptavam as meninas ela é que cuidava das meninas, vão tomar banho, essa dorme aqui, os homens vinham escolhiam uma e voltava ela toda triste e ela é que estava ali. Ela disse que chegou a controlar 202 meninas e depois chegou um momento que disseram ela trabalhar para eles mandaram embora ela mas não lhe mataram e não lhe fizeram nada e veio aqui para cidade, ela cumpria tudo com aquilo que eles diziam e ela voltou com algumas meninas também.

Mas nem para te falar, nem A, nem B, não sei o que lhe disseram aquela senhora, Haidé ti, aquela senhora não se mete e não fala com ninguém e

nem quer saber, nem de mim (...) mas ela diz que não quer ouvir, estou a viver a minha vida, já escapei da morte deixem-me. Então ela não quer saber de nada, nem diz que foi violada, só diz que havia critérios lá para levarem as meninas, tinham que ser meninas dos 14 anos para cima e não podia ter mais de dois filhos.

Os profundos traumas que estas situações implicam, a vergonha e o medo da repetição das violências sexuais estão a levar as mulheres e raparigas vitimizadas a não quererem falar sobre o assunto. Optam pelo silêncio e por esconderem o mais possível a sua situação. Segundo fontes locais as poucas psicólogas que estão a trabalhar com essas meninas percebem que há uma mistificação sobre as razões os comportamentos estranhos delas. As famílias e acompanhantes falam em espíritos que as perturbam; as/os médicas/os falam em esquizofrenias ou outras doenças mentais. Todos estes comportamentos lançam na obscuridade o que realmente está a acontecer e como a saúde sexual e reprodutiva assim como a saúde mental das meninas e das mulheres está a ser seriamente afectada com consequências que durarão até ao final da sua vida.

5- O insuportável ruído das lágrimas delas

A economia da guerra apoia-se em duas estratégias principais para manter os recursos materiais necessários à sua continuidade. A primeira é a destruição das bases produtivas e infraestruturas para romper com as estruturas que apoiam a vida de todos os dias e tornar a vida impossível às populações. Isso tem como resultado a fuga e/ou a morte por assassinato e doenças das populações. Isto tem uma consequência muito grave, sentida especialmente pelas mulheres: a separação das suas crianças. A segunda é a proliferação do tráfico de armas de todos os tipos e o tráfico de recursos que geram rendimentos altos e rápidos como pedras e madeiras preciosas e drogas. Isto é importante sublinhar porque estas estratégias têm consequências muito graves na vida das mulheres e raparigas. De entre todos os impactos, destacamos aqueles que estão relacionados directamente com a vida das mulheres vitimizadas pela guerra e com aquelas que trabalham no apoio humanitário e activistas de direitos humanos das mulheres e que têm sido essenciais no enfrentamento de todos os problemas vivenciados por estas populações:

5.1- As mães que choram: crianças órfãs de guerra, abandonadas e separadas das suas famílias

Como se sabe são as mulheres quem mais sofre com o desaparecimento ou separação das suas crianças já que culturalmente são elas quem cuida e se responsabiliza por elas desde o nascimento. A guerra e a fuga tem provocado não apenas a separação das famílias mas também abandonos e orfandade entre as crianças. São as mulheres quem mais relatam esta situação.

Um relatório de 2020 do Centro de Pesquisa e Observatório Social (CPOS) ligado à Universidade Católica de Pemba²⁶ apresenta os seguintes dados, recolhidos com as autoridades do distrito, no que se refere à presença de pessoas deslocadas em Metuge a que chamam a *cidadela da dor, tristeza, angústias e incertezas*:

Até ao dia 23 de Novembro de 2020 havia no distrito, 17 421 agregados familiares deslocados num total de 70 739 de pessoas deslocadas. Destas 14 068 eram mulheres sendo que 1 069 estavam grávidas. Do total 11 425 eram homens e contavam-se 704 pessoas idosas, 44 542 crianças das quais 1 088 estavam desacompanhadas e, 4 991 crianças em idade escolar. Dos 17 421 agregados familiares deslocados no Distrito, 10 497 vivem em centros de acolhimento o que correspondente a 39 361 pessoas das quais 8 968 são mulheres, 8 213 são homens e 22 180 são crianças.

Como se pode verificar o número de crianças presentes entre as pessoas deslocadas é mais do que a metade de todo esse universo. A fazer fé nesta informação a maioria são muito pequenas (porque são dadas como não estando ainda em idade escolar) o que representa uma tarefa gigantesca para as mulheres que cuidam delas nestas condições. Por outro lado, o número assinalado de crianças desacompanhadas é muito grande e significa que estão ali sem nenhum

²⁶ Versão não publicada, p. 10.

parente. A sua vulnerabilidade é enorme. O nível de segurança destas crianças permanece por se saber com rigor. Porém, uma das activistas entrevistadas e que trabalha com estas crianças dá-nos algumas informações preciosas sobre esta situação. Nas suas palavras:

Estamos a trabalhar em Metuge no geral, mas também dentro do centro também. São na maior parte crianças que estão separadas dos seus pais ou que estão desacompanhadas, estão sozinhas, não têm ninguém com elas. São crianças desnutridas, crianças com problemas de saúde.

No entanto, é de imaginar que muitas outras crianças foram separadas das suas famílias nucleares e estão sob a atenção e cuidado de pessoas da sua comunidade ou familiares mais afastados.

O que tenho visto pelo menos a nível de casos porque nós trabalhamos com crianças, é que há muitas crianças separadas, deslocadas dos seus pais por causa do processo da fuga dos ataques armados. (...) Lembro-me de uma actividades que fizemos com crianças e as crianças na sua maior parte desenharam aviões, desenharam casas que é a ideia da casa que foi destruída e o processo de terem acompanhado a morte dos pais, e os aviões como aviões que saem de Pemba para Maputo ou dos locais afectados para aqui, para cidade. E bem sabemos que no meio desse processo de força por parte do governo, algumas pessoas acabam sendo vítimas, alguns civis acabam sendo vítimas no meio desse processo todo. E fica um misto de perceber se esses aviões, eles são interpretados num bom sentido ou num mau sentido.

(...)

Pensei muito nas meninas e na vulnerabilidade delas, penso em todas aquelas crianças e no que elas vão se tornar daqui alguns anos sendo que elas presenciaram com os próprios olhos situações tristes, penso nos casos de violência sexual.

5.2- Vamos chorar porque sofremos muito. As descrições da guerra e os sofrimentos indescritíveis delas

Quando nos dizem que as mulheres não querem falar, contar o que sabem, testemunhar é porque ou não são ouvidas devidamente, ou elas se sentem inseguras para partilhar os seus pensamentos. No entanto, as suas cabeças estão cheias de estórias e experiência que querem contar como se isso as ajudasse a libertar de algumas das suas angústias. Qualquer pesquisa sobre a guerra e mulheres tem que ter duas coisas em atenção que são primordiais: ouvir com empatia e atenção e assegurar que a sua coragem em contar não é retribuída com repressão e mais violência. Nessas condições elas falam, elas expressam-se, elas fazem-nos entender que a guerra diz-lhes profundamente respeito e o que querem é que as suas denúncias ajudem a acabar com ela. As falas de várias mulheres deslocadas que a seguir se transcrevem representam sofrimentos inimagináveis, mas ajudam-nos a fazer um retrato mais aproximado desta guerra em Cabo Delgado e dos impactos brutais nas suas vidas, corpos e mentes:

Não sabemos nada, só estamos a ver serem levados os nossos filhos para o mato, não sabemos o que eles fazem, se estão vivos ou não lá no mato. Levaram muitas crianças, meninos, meninas, bebés como aqueles. Levam e não estão a devolver, nem notícias não temos nada. Não sabemos só estão a levar para o mato, não sabemos que estão a matar a eles, se estão a criar nós não sabemos só estão a levar para o mato.

Nós sabemos contar, porque é só começar a entrar no mato, na machamba chegar alguém e cortar. Ir na aldeia e alguém foi apanhado, foi cortado pescoço. Você ia aí cruzava com eles lhe cortavam, tiravam o sexo primeiro. Ao homem tirava o sexo e a mulher tiravam o sexo e as mamas. Não vamos conseguir falar, vamos chorar porque sofremos muito.

Eu vi a guerra, estivemos assim enforcadas até dividir-se a família, o meu marido do outro lado, eu e as minhas netas doutro lado, as minhas filhas doutro lado. Eu vi a dispararem, vimos pessoas a matarem, a cortarem.

Nós sentíamos sofrimento porque não podíamos fazer trabalho por exemplo ir a machamba, ouvíamos que entraram ali, atacaram ali. Alguém foi a machamba pegaram-lhe mataram e não se sabe onde está, é assim como nós vivíamos.

O que eu penso é acabar com essa guerra para eu poder voltar para casa. Sim para casa, por que agora as pessoas estão perdidas, as minhas filhas, meus netos estamos assim espalhados, por exemplo outra família está em Nampula, e lá vivíamos juntos, a minha mãe faleceu e estou com minha tia e minhas primas.

É bastante, minha mãe e o meu pai faleceram, então é bastante para nós mulheres só graças a Deus vivemos assim, uma criança como esta aqui a dormir no chão depois acorda não tem nada para comer é uma confusão, é muito difícil. É muito difícil. Sim, antes eu estava tranquila, sossegada com minha família e com bebé, a mulher é quem sofre mais.

É isso, está aí essa minha sobrinha com duas crianças e grávida esse momento que ela mais precisa. Perdeu tudo lá mas está aí, a prima dela ajudou-lhe a fazer bolinho (para vender na rua). Há dias que ela não está fazer porque ela dizia doi-me essas costelas, doi-me aqui, doi-me aqui, então a prima disse: - não, você fica não podes trabalhar mais, também essa barriga já está em baixo. Talvez daqui a um mês. Elas também como não se controlam não sabem quantos meses só ficam. Chega o dia e vão ter bebé.

Eu estava na administração, mas cheguei lá em Mocímboa não estava aguentar. Mocímboa estava mesmo triste e abandonada até era mesmo difícil ver pessoas a passear que qualquer maneira, nos aldrabavam ali trazer militares e os militares ali só estavam a beber cerveja, não estavam para nos defender. De facto fiquei aquele Maio até àquele Junho (2020), mas o que aconteceu foi a força quis já passar porta a porta dizendo que estava fazer vasculha de malfeitores, disparavam de qualquer maneira e não sei o quê até 3 horas do dia 27. Os malfeitores entravam em Mocímboa começaram a disparar ali e a população ficamos dispersos. Sim, já não sabíamos será que é militar mesmo ou são malfeitores, afinal de conta eram malfeitores. Chegaram até em Maio mataram. Em relação a 2017 só houve conflito com a polícia guarda fronteira e polícia da PRM, só troca de tiros foi entre eles mas quando entraram em Março (2020) não mataram tanto, mas em Junho (2020) não vale a pena.

Aquele grupo quando chegou em Mocímboa era mais de 300 e aqueles estão organizados. Eu vi, vi mesmo. Em Junho eles mataram fizeram e desfizeram, e raptaram muita rapariga. Eles parecem que tinham um próprio mapa que sabiam que fulano está em casa dela, fulano está em casa dela não saiu. Aqueles vem organizados, há próprio grupo que vem para degolar, havia grupo que vinha recrutar população, havia grupo para cozinha aqueles tem tempo de cozinhar. Esses estão a matar, esses estão a cozinhar.

Não, eles recolheram muita gente, um grupo e quando recolheram um grupo seleccionaram uma parte levaram e outra parte foram devolvidos, foram soltos de que vão para casa e o outro grupo eles degolaram. E aqueles que foram devolvidos para casa foram ditos não vale a pena vocês estarem aqui em Mocímboa, devem sair mesmo e onde se diz Cabo Delgado nós vamos acabar.

Estes testemunhos não são dados, não são informação para fazer relatórios. São verdadeiros conhecimentos sobre uma guerra que atinge uma nação inteira. Elas, estas que partilham connosco estes e outros horrores vividos, não são números numa tabela de análise abstracta sobre impactos de guerra. Isto é conhecimento em acção e em fuga da violência e capaz de mostrar com a crueza necessária a ideia de que a aniquilação do outro – e aqui as mulheres são pensadas como o *outro do outro* - como a condição central de qualquer guerra, seja ela qual for.

5.3- Sem machamba vem a fome e a dependência da ajuda que chega, ou não chega

Como explica uma senhora, *arrancando-nos da nossa terra, arrancam-nos as raízes e ficamos só no mundo*. A terra é muito importante para as mulheres porque é nas suas machambas que elas produzem a comida para sustento da família e é também na terra que estão as/os suas/seus ancestrais que interagem com elas de muitas maneiras. O trauma de terem que abandonar as suas machambas é tanto material, porque as empobrece a elas e às suas famílias drasticamente, como é emocional por sentirem que aquilo que dá sentido ao presente, ao passado e ao futuro lhes é pilhado. A terra também é o local de trabalho e de encontro e solidariedades com outras mulheres. Perder a terra também significa perder o convívio e os apoios gerados nessas relações sociais em torno da terra.

A fuga e a colocação em centros de acolhimento, realocadas em talhões de terra minúsculos (10m por 15m ou 20m por 30m onde não conseguem fazer as suas machambas) ou ao serem recebidas por familiares não lhes devolve o seu poder de produzir a sua comida, decidir o que vão comer e como a comida é redistribuída entre a família. A alteração da dieta alimentar e a falta de alimentos é uma forma de empobrecimento radical que leva à doença e à morte delas, nomeadamente das crianças e das mulheres idosas. Segundo uma fonte que as tem assistido na praia à chegada e nos locais de acolhimento, as senhoras queixam-se de fome, mas também de dores no corpo que segundo elas é por não terem acesso à sua alimentação normal e a produtos frescos.

Isto tem ainda outra consequência que é a *total dependência dos alimentos que são distribuídos pela ajuda*. Além dos serviços sexuais em troca dos alimentos e o *desvio dos bens* para as famílias dos chefes locais, conforme denúncias de activistas locais, é preciso ter em consideração a escassez destes recursos. Uma senhora explica:

Conseguí levantar 1 saco de farinha 25kg, um saco de arroz de 25kg, massa esparguete, detergente em pó, sabão e óleo.

É triste ver as pessoas abandonar as suas residências, seus bens e estar a sofrer com velhas e crianças, isso lamentamos bastante, estamos a pedir ao governo que acabe com esta guerra. Porque mesmo o governo nos dando apoio de produtos alimentares isso não ajuda nada, por exemplo antes de ontem eu tinha 40 pessoas aqui em casa e 13 pessoas passaram para o distrito Chiúre, mas se parassem aqui em casa eu estaria muito mal. Assim a farinha de 25 kg que levei já acabou, por isso o que nós mais pedimos é acabar a guerra, o apoio que nos dão não acaba a guerra. Tem que acabar a guerra para as pessoas pegarem na enxada ir trabalhar e ajudar as suas famílias.

Uma outra senhora partilha a sua angústia deste modo, enviando uma foto e a seguinte mensagem por telefone:



**EU A OFERECER UM
ALMOCO AS CRIANCAS
REFUGIADAS DE
GUERRA. MESMO SER
POUCO O QUE TENHO .
SO K EU NAO TENHO
NADA .**

E uma outra conta:

Às vezes os mesmos chefes não canalizam os produtos para as pessoas necessitadas, eles escrevem os nomes dos familiares deles maioria dos chefes e as mulheres estão a sofrer porque não apanham comida mesmo, lá em Montepuez assim como aqui em Pemba.

No caso de Montepuez também não tem água, água tem que comprar. Água que tem em Montepuez é salubre e quando chega esse tempo quente aqui as vezes os poços secam.

As condições de acesso ao apoio alimentar além de escassas parecem ser bastante problemáticas. A obrigatoriedade de usar um cheque – dado pelo Programa Mundial Alimentar - em vez de dinheiro e de ter que comprar os produtos apenas em algumas lojas e mercearias está a levar com que haja uma enorme especulação de preços e muitos comportamentos corruptos por parte de empresários e até de autoridades. Esta situação deixa as populações cada vez mais vulneráveis e desesperadas.

Mas aquele dinheiro se fosse normalmente como estão a vender nas lojas podíamos ter pelo menos algumas coisas normais, mas as próprias lojas identificadas o preço está elevado. Você vai numa loja normal arroz, bom arroz mesmo de qualidade está 1450 mas naquelas lojas identificadas está 1800, o que é que nós vamos conseguir aí mesmo? É apoio? Em casa nós conseguíamos ir na machamba, em casa sabíamos onde tirar moringa e outra coisa, aqui mesmo estamos com mãos a abanar, não temos nenhum apoio. O apoio que nós referimos é apoio do governo e quando por exemplo o governo daqui da cidade tira apoio e chega lá no comité dividem-se entre eles ali, você que é deslocado não recebe e já estão abrir barracas os próprios donos daqui. Nós deslocados é normal a pessoa que veio desde Março até hoje ainda não tem nada

Esta situação tem impactos directos nas/os refugiadas/os como também nas famílias que as/os recebem. Há uma dupla vulnerabilidade de que as mulheres dão conta. A primeira é falta de alimentação suficiente e de qualidade por não poderem machambar e por não receberem alimentos suficientes para elas e para as suas famílias das quais continuam a ser responsáveis. A segunda vulnerabilidade a que estão sujeitas é o descontentamento que essa escassez provoca, o prolongamento do acolhimento junto de famílias que também não têm condições e como isso as ameaça de ficarem sujeitas a conflitos e no limite a serem expulsas das casas onde estão acolhidas.

Na casa onde você está na casa onde você se alojou, o dono da casa não se sente satisfeito porque você não está ajudar em nada. Ele te acolheu e essa coisa de apoio pelo menos nós podíamos tapar a cara dos donos da casa mas nem com isso. Estão a tentar nos dar espaços também mas aqueles espaços estão a nos tornar difícil.

5.4- Sem a capulana não temos privacidade nem temos como nos limparmos, nem temos vida

Uma das denúncias mais recorrentes feitas pelas mulheres deslocadas é a falta de atenção das organizações da sociedade civil, agências internacionais e governamentais sobre as necessidades específicas das mulheres. Uma delas, a mais mencionada, é a falta de capulanas.

Tivemos que deixar as nossas capulanas e aqui não nos dão capulanas. Como vamos fazer? Nós sem a capulana nos sentimos perdidas. Com a capulana nós damos parto, levamos as nossas crianças, cobrimos as nossas pernas, vamos ao mato fazer as nossas necessidades sem que ninguém possa ver, é a nossa esteira e protege-nos das picadas dos mosquitos, das formigas e das cobras. Nós sem as capulanas nos sentimos nuas e desamparadas. Naqueles dias do mês o que podemos fazer sem as capulanas? Ficamos sujas e temos que nos sentar no mato e ficar lá todo o dia. Estamos mal, nós.

Para a ajuda humanitária as capulanas não são bens de primeira necessidade talvez porque quem decide são homens e nunca escutaram as suas mulheres nem perceberam que estas são vitais para a vida e a dignidade quanto são a comida e a água.

5.5- Sem as florestas e sem água vêm doenças porque já não há medicamentos

Moçambique é um país onde para além dos cuidados fornecidos pela rede nacional de saúde, uma boa parte da população acede aos cuidados médicos que são prestados por curandeiras/os-médicas/os tradicionais, sobretudo os relativos a doenças crónicas através do conhecimento e manipulação de ervas e raízes. Uma dessas mulheres explica assim o que está a acontecer e como isso tem impacto nas suas vidas:

Dantes era fácil encontrar o que precisávamos para atender e tratar os nossos doentes. Hoje em dia há muitas doenças e doenças novas porque a indústria extractiva está a violar os nossos matos e florestas. Temos muitos conhecimentos que vêm do tempo das nossas trisavós mas ninguém nos chama para contribuirmos para ajudar agora com a pandemia. Mas hoje com a guerra tiram-nos os matos e não encontramos mais as ervas e as raízes que precisamos, partiram as nossas panelas e as nossas farmácias. Estamos sem nada. Como vamos fazer se a nossa mãe adoecer? Não nos querem escutar, esta guerra e este governo!

Também a falta de água é um problema muito sério. A água em muitos locais na província de Cabo Delgado é salobra e imprópria para consumo. As populações fazem furos mas estão a ficar sem água pelo aumento do número de pessoas que é preciso abastecer e que estão concentradas em certas vilas da província.

Com chegada dessas pessoas o meu dia tem sido muito agitado e corrido, logo que acordo vou buscar água que está a venda, 20 litros custa dois meticais e cinquenta centavos e por dia tenho gastado 80 meticais. Por exemplo hoje de manhã comprei água de 40 meticais e esta tarde recebi mais pessoas devo ir comprar mais água. Mas sofremos bastante com a falta de água, aqui na minha casa não sai água, lá onde compramos tenho que madrugar as 4 horas porque fica muito cheio.

A água serve para cozinhar, beber mas também para a higiene. As mulheres e as raparigas sofrem, especialmente, nos dias em que estão menstruadas pois a falta de água e de capulanas não só as incomoda muito como as vulnerabiliza ainda mais a todo o tipo de infecções genitais e do seu aparelho reprodutor em geral.

O mesmo acontece com os cuidados no parto e no pós-parto. Esta escassez de água seguramente está a fazer aumentar a mortalidade materna e infantil ainda que essas realidades não estejam a atrair a atenção das autoridades, jornalistas e das/os pesquisadorxs que mais capacidade têm para divulgar as suas publicações em jornais, revistas, livros e relatórios.

Estas questões parecem estar a ser consideradas pelos *especialistas, coisas de mulheres*, portanto, de menor importância para a compreensão da guerra e das suas consequências imediatas e de longo prazo. No entanto, sabemos que o acúmulo destas situações de vulnerabilidade, precariedade, empobrecimento e descaso que têm, efectivamente, um impacto duradouro e trágico tanto na vida delas, das suas famílias e comunidades como contribuirão, de forma decisiva, para aprofundar os dramáticos índices de desigualdade entre mulheres e homens de que Moçambique já apresenta.

5.6- O aumento do trabalho das mulheres para níveis insustentáveis. Elas choram e já não dormem

É do conhecimento comum que a situação humanitária em Cabo Delgado se está a tornar insustentável, nomeadamente para as famílias que têm estado a acolher familiares e amigxs que se dirigem, em fuga, para os distritos do sul e do sudoeste da província considerados mais seguros: Pemba, Montepuez, Chiúre, Ancuabe e Balama. A capital, a cidade de Pemba, foi aquela que até

agora tem sido mais fustigada com a chegada das pessoas refugiadas da guerra. Segundo uma notícia publicada pelo jornal DW em 6-11-2020²⁷:

Em menos de um ano, Pemba tem um volume d 150% de população. Em 2017, Pemba tinha 224 mil habitantes, se não me engano, e ontem o presidente do município de Pemba dizia-me que há cerca de 105 mil deslocados. Portanto, é um crescimento de 50% da população num ano, e isso é muito para uma cidade, em todos os aspectos: traz pressão sobre os serviços básicos – água, saneamento... Tudo.

Neste acolhimento, são as mulheres as responsáveis pelos trabalhos na esfera da família e da comunidade e, portanto as mais sobrecarregadas com todo o tipo de tarefas. Elas organizam as dormidas, a alimentação, a higiene pessoas da casa e das roupas, cozinhar e dão apoio emocional a quem chega além de cuidarem de doentes e crianças.

A vida delas está a sofrer alterações muito grandes. O testemunho de uma das nossas entrevistadas relata assim a sua situação deixando-nos perceber, de forma eloquente, os problemas que está a enfrentar e, a procurar resolver, todos os dias:

Primeiro recebi 38 pessoas, 8 pessoas foram a Pemba e outras pessoas foram a Nampula. Havíamos ficado 10 pessoas e hoje recebi mais 15 pessoas no total somos 25 pessoas, mas algumas dizem que estão de passagem vão a Nampula por isso não ficam no acampamento. Eu estou a receber tantas as pessoas devido a guerra, alguns são meus familiares, outros conhecidos dos meus familiares e não têm onde ficar por isso estou a receber, e estavam a sofrer lá no mato.

Das pessoas que chegaram 10 são meus familiares e as outras pessoas conhecidas do meu falecido pai. Aqui em casa recebi 3 homens, 4 rapazes, o resto são as meninas adolescentes e senhoras que são a maioria e uma idosa que é a minha mãe.

Com a chegada das pessoas a minha vida mudou, sinto muita diferença e dificuldade para alimentar essas pessoas, não há lugar para dormir também. Tenho ido a cidade no parque duas ou três vezes por dia receber essas pessoas sem transporte que é muito difícil para mim, e as pessoas estão sofrer muito por causa desta guerra.

Depois de resolver o assunto de água vou a procura de comida, e para comer tenho feito grupos de homens, crianças, e mulheres assim sirvo em bandejas e comem. Mas sofremos bastante com a falta de água, aqui na minha casa não sai água, lá onde compramos tenho que madrugar as 4 horas porque fica muito cheio. Para dormir a minha casa tem 3 quartos, então damos prioridade as crianças a dormir dentro e o resto das pessoas, os adultos dormem na varanda, algumas pessoas trouxeram colchões consigo.

Por dia são duas refeições, a primeira tem sido as 11 horas e a segunda e a última refeição tem sido as 16 horas

Antes de ontem eu tinha 40 pessoas aqui em casa e 13 pessoas passaram para o distrito Chiúre, mas se parassem aqui em casa eu estaria muito mal. Assim a farinha de 25 kg que levei já acabou, por isso o que nós mais pedimos é acabar a guerra, o apoio que nos dão não acaba a guerra. Tem que acabar a guerra para as pessoas pegarem na enxada ir trabalhar e ajudar as suas famílias.

Como fica bem patente nas palavras desta senhora a chegada das pessoas em grande número traz consigo muitos problemas que têm que ser geridos por ela e as demais raparigas da família com os poucos ou nenhuns recursos disponíveis e quase sem ajudas das instituições presentes no terreno.

²⁷ Ver aqui: <https://www.dw.com/pt-002/deslocados-em-cabo-delgado-a-situa%C3%A7%C3%A3o-n%C3%A3o-%C3%A9-a-que-aparece-nas-redes-sociais/a-55525128>

Além dos problemas relacionados com a sobrecarga de trabalho e a falta de recursos apropriados para receber estas pessoas existe mais uma questão que as mulheres vivem: a insegurança e o medo que representa este acolhimento. Apesar de ela não referir esta sua preocupação no primeiro testemunho que nos deu, numa conversa posterior revelou que:

Sinto muito medo porque entre as pessoas que chegam algumas não são bem conhecidas e não se sabe se estão ali a mando de alguém para passar informação sobre a casa, a família e os bens para facilitar ataques ou roubos. Uma das senhoras que estava refugiada aqui em casa recebeu uma mensagem de alguém que ela alegou não conhecer a dizer-lhe que iria receber 13 000 MT por Mpesa e que ela deveria reenviar da mesma maneira para o seu marido que tinha ficado no distrito de Mocímboa da Praia. Perguntei quem era a pessoa que lhe enviava a mensagem e a resposta foi que era um amigo do marido. Ela assim fez: recebeu o dinheiro e reencaminhou-o por Mpesa para o marido que, aparentemente, o recebeu. No dia seguinte esta mesma senhora deixou a minha casa e disse que iria voltar para casa dela lá no norte. Não deu mais explicações mas as minhas preocupações à volta da segurança da minha casa e de quem lá mora e da própria senhora que iria viajar ficaram pesadas.

As autoridades militares e policiais são acusadas de molestarem estas pessoas argumentando que elas podem fornecer informações aos terroristas ao invés de as protegerem e de aumentarem a vigilância para evitar roubos e destruição dos seus bens. A militarização da sociedade e a actuação repressiva e agressiva por parte da polícia são mais um factor de vitimização sobre os corpos e a vida as mulheres jovens e adultas.

O longo testemunho que a seguir se apresenta é tão longo, tão duro e tão complexo como o dia a dia das mulheres que assumiram a responsabilidade de receber familiares que estão fugiram e pediram refúgio nas suas casas. Neste caso, a jovem que fala vive em Pemba numa casa precária numa periferia sem condições, mas que entendeu ser sua missão não virar as costas a familiares fugidos do Distrito de Macomia, posto administrativo de Mucojo, aldeia de Ngoani.

Ao todo são: a minha mãe, uma sobrinha, a Mariamo, minha irmã e o esposo, meu tio, minha tia e o filho, além de mim e o meu esposo e 5 crianças. Quando minha mãe veio eu fui às autoridades uma vez que estavam a falar quando vocês acolherem alguém tragam nas sedes do bairro, eu levei a minha mãe N vezes não deram. Porque tinham dito que não vamos dar muita coisa mas pelo menos para assistir ver como é que estão a viver. Eu fui lá levei a minha mãe na sede do bairro, chefe está aqui a família que eu acolhi, quem é membro da família aqui responsável deles? Eu disse sou eu, hospital eu é que me responsabilizo, água, comida, pão, dormir tudo sou eu. Por isso digo eu, a mais velha está, a mais nova está mas nenhuma delas faz nada.

Lá em casa só varrem, aquela coisa de casa, mas dizer que vão ter um negócio para gerir e aguentarem com as despesas não, porque a mais velha é muito doente. (...) Assim eu lhe deixei lá, eu tinha que correr só para ir comprar comprimido porque tem problema de diarreia e vômito. Comprei comprimidos assim estavam a me ligar agora para pelo menos comprar uma coisa do tipo fruta para ter saís ou uma vitamina para o corpo dela, uma vez que ele vomitou muito e já está um pouco fraca. Medo não falta.

Acordo 5 horas, das 5 tenho que acordar aquela Mariamo que veio com a minha mãe, ela varre fora e eu varro dentro. Já que é uma menina não posso sobrecarregar com as tarefas eu ajudo a acartar água porque não temos torneira. Por dia compramos água de 30 e não chega; de manha só compro água de 30 e à tarde quando eu volto encontro água acabou, tenho que ir comprar água de 30 para aguentar a noite.

Eu carrego água de 30 enquanto ela varre. Então aquele miúdo, o segundo filho da minha tia lava os pratos, depois de acartar água eu varro dentro, acendo fogo faço papas dou ao meu filho, antes de dar papa dou banho, vestir, dou de comer deixo ele a brincar, lavo roupinha dele aquilo que usou e estendo. Então digo à menina: põe água no fogo. Adoptei uma estratégia de comprar farinha para fazer papa em vez do chá para não ter que comprar açúcar.

Então na hora que eu me preparo para ir no serviço eu mando comprar pão fazem papa e se dividem. Então depois de eu ver que está tudo ok cada pelo menos garantiu matabicho é onde eu tenho que me vestir e vir correr para cá. Nunca matabichei não posso mentir. Venho para o serviço.

Vou até às 15, mas quando é um trabalho muito puxado vou até às 16, as 17. Mas quando eu vejo que esse trabalho é puxado vai até às 17 ou as 18 eu tenho correr um pouco para ir ver lá em casa se tem o almoço porque não se almoça falando a verdade. Com a demanda que eu tenho não consigo fazer almoço e jantar, praticamente o celeiro acaba muito cedo antes do salário porque eu só dependo do salário, não tenho esses pequenos biscates do dia. Então eu adoptei um método: matabicham tarde. Até 9h ou 10h tem que matabichar papa e bolinhos, então ficam a brincar até mais ou menos as 15h, as 16h horas assim começam a acender fogo, ver onde há caril e onde tem arroz para até as 17h dar banho nas crianças, tomarem banho servem e comem e depois dormem.

Não tem onde dormir para falar a verdade. A casa tenho 3 quartos e sala, o meu quarto durmo eu, segundo e o terceiro da minha irmã. Quando a minha mãe veio, tem uma tia minha que me viu crescer que é apegada a mim dali da zona, eu fui falar com ela você como foi amiga da mãe assim que ela veio eu não tenho espaço. Então eu pedi aquela tia passou a dormir com a minha mãe, ela fica a fazer os trabalhos de casa ou monitora a família até aquela hora das 20h ela se despede vai dormir até as 5 já está em casa. Então os restantes que ficam lá são lonas, esteiras, uma vez que já estão gastas só ponho esteiras e mantas, tenho uma manta que meu marido trouxe quando estava na instrução, outras esses dois meus gémeos dormem comigo, dorme comigo e esse bebé.

5.7- Deixar tudo para trás: estórias de fuga à guerra

Um dos aspectos mais comoventes e mais traumáticos numa guerra são as fugas à violência. Envolvem sempre dramas humanos e perigos de uma intensidade que marcam a vida das pessoas para sempre. Ver-se obrigada a deixar tudo para trás e que não são apenas os bens materiais, representa uma ruptura muito dolorosa e da qual muitas vezes as/os suas/seus protagonistas nunca recuperam emocional e espiritualmente. Para as mulheres que partilham estas estórias de fuga não se trata apenas de ter de deixar a casa e a machamba. Deixa-se uma vida, os seus mortos e mortas, a sua vizinhança, a sua comida e a sua água, a sua identidade, a sua autoridade e todas as redes de apoio que tinha até esse momento. Por isso, é tão importante deixar aqui, neste documento, os seus testemunhos nas suas palavras, nos seus próprios termos, como sujeitas de conhecimento e da história do seu país.

De Milamba a Mueda, de Mueda a Montepuez e de lá até Pemba

Sou do bairro de Milamba. Saímos de Mocimboa para fugir guerra, mas saímos de carro até Mueda. De Mueda cada qual veio na sua viagem. De Mueda fomos até Montepuez, de Montepuez chegamos aqui de carro. Foram três dias com três filhos e o meu marido.

De Mocimboa da Praia a Unidade e de lá para o mato e depois a aldeia de Ntonga; dali para Mueda. De Mueda a Montepuez e daí até Pemba

Venho de Mocimboa. Eu tenho 5 meses aqui e estou com os meus 5 filhos. Saímos onde vivíamos e fomos numa aldeia chamada Unidade. Na Unidade queimaram, saímos da Unidade e ficámos quase duas ou três semanas no

mato. Fomos numa aldeia chamada Ntonga onde depois saímos fomos até Mueda a pé. Foi um dia inteiro sim porque é uma distância muito grande. De Mueda apanhamos carro para Montepuez e de Montepuez conseguimos chegar aqui. Nós não viemos de barco, fugimos depois conseguimos carro naquele tempo custava muito dinheiro por exemplo para três pessoas podíamos pagar 10.000

De casa para Auasse, pela mata até Mueda e depois Montepuez até chegar a Pemba

A minha casa foi queimada e fugi, fui até em Auasse. De Auasse passei pela mata até Mueda a pé. De Mueda conseguimos viatura para Montepuez e de Montepuez para aqui.

De Mocímboa até Mifunvo dali por mar até atracar em Pemba

Nos viemos aqui por causa da guerra, viemos de lancha. Eu sou de Mocímboa, então saímos de Mocímboa para cá. Viemos directo de Mocímboa até Mifunvo. Mifunvo é Quissanga, é uma ilha de Quissanga, antes do Ibo primeiro é Mifunvo, depois Quirimbas e Ibo. Anoteceu dentro da lancha e de madrugada saímos de lá. Um dia, saímos de Mocímboa paramos em Mifunvo porque já era noite, dormimos lá e no dia seguinte chegamos cá. Era muita gente, eramos familiares e outras pessoas. A maioria eram crianças e mulheres. Não paguei era uma lancha familiar, transportavam mulheres e crianças, os homens ficavam lá primeiro.

De um lugar para o outro perderam-se duas filhas. Ela está convencida que foram raptadas

Ali quando houve aqueles disparos eu saí com aquelas crianças e o meu marido também saiu, ele foi primeiro a chegar. Estamos juntos e com as crianças. Tenho 6 filhos, duas crianças não sei onde estão. Perdi duas crianças. Cada um correu, como se diz salva-se quem puder. Aqui estou com três filhas e duas netas. Essas mesmas grandes é que não estão. Essas mais velhas foram e nós estamos com as nossas netas.

De Namanje a Mifunvo e depois de lancha até Paquitequete em Pemba

Eu vivia na aldeia de Namanje. Antes da guerra eu estava bem na machamba, crianças na praia e não sei o quê. Tinha a minha casa que também queimaram. Mas depois disto virou inferno a minha vida. Queríamos ir até Metuge de carro, mas não conseguimos. Então quando começaram a queimar não conseguimos mais passar aquela via de Metuge. Fomos até Mifunvo. Então de Mifunvo como não temos lancha o pouco que tínhamos tivemos que pagar porque cada pessoa adulta é 500 meticais. De Mifunvo até em Pemba, uma criança 100. Viemos muita gente, vizinhos e não sei o que, todas pessoas que encontramos. Mss agora estamos espalhados. Alguns estão em Nogane.

De Macomia para Mocímboa da Praia; daí para Mueda e depois para Pemba. Pelo caminho ficou viúva e deram-lhe uma menina para salvar

Essas pessoas vieram na minha casa quando a minha Mãe de deslocou de Macomia para Mocímboa, porque depois dos ataques da nossa aldeia minha Mãe não quis se refugiar aqui, primeiro correu para uma outra aldeia lá em Mocímboa foi para lá. Na época tinha um marido o meu padrasto que teve um enfarte. Quando atacaram Mocímboa com aqueles tiroteios aquele padrasto acabou falecendo sim naquele tiroteio, naquele dum dum dum o coração não aguentou e morreu. Então quando estavam quase a chegar na casa da minha mãe, minha mãe tentou socorrer o marido antes de morrer vamos ele disse não, não aguento com esse enfarte está sendo doloroso para mim e vá, se deus quiser eu ficarei vivo e você me encontrará, e se eles queimarem enquanto estou aqui vou dar graças a Deus. A minha mãe de facto correu e deixou ele ali. E aqueles atacaram a casa não se sabe se morreu de enfarte ou se lhe mataram porque a casa não incendiaram, só depois das pessoas voltarem encontraram ele morto. Não estava ferido e nem nada. Então depois dali é onde ela começou a ver para onde corria:

- Com meu marido, eu dependia dele porque ele recebia porque trabalhava no posto administrativo e ele recebia, e aquele salário dele lhe aguentava, mas agora ele morto e eu não me refugiando não terei como me alimentar, não me resta outra alternativa senão eu voltar para a minha filha.

Ligou para mim:

- Filha estou nessa situação. Eu disse está bom agora não tenho passagem. Na altura tinha um primo filho do tio que é irmão dela trabalhava em Mueda como enfermeiro. Eu falei com aquele primo: - primo eu estou longe e não tenho crédito no Mpesa e agora uma vez que atacaram não terei como enviar já não tem agentes. Estou a pedir se tiver dinheiro leva mamã para tua casa em Mueda depois você faz passar aquela via que se passa via Montepuez para ela poder furar para aqui.

Ele não negou, ajudou ligou para ela disse suba carro para Mueda ela subiu e ele pagou lá. Ficou lá 5 dias. Depois atacaram Muidumbe que é perto de Mueda e ela não sossegou, disse aqui tenho que sair porque aquilo que eu vi lá acho que está-me seguir até aqui. Meu primo alugou carro pôs bens deles, todas coisas deles puseram minha mãe ali deram boleia e disseram vamos, levaram a minha mãe até aqui. E minha mãe quando correu de Mocimboa uma família vulnerável, posso dizer uma família pobre que não tinha como correr com os seus filhos, deram uma filha deram à minha mãe e disseram: como você tem uma que pelo menos até agora te aguenta estamos a pedir levar essa nossa filha porque nós já não temos para onde correr porque não temos outros familiares que possam nos puxar.

Dito e feito minha mãe levou aquela menina dos seus 13 anos.

Essa viagem de Macomia a Mueda não teve custo porque iam de ambulância, só de Mocimboa para Mueda 1000 meticais porque dantes faziam 500. 1000 por pessoa e aquela menina pagou 500, automaticamente pagaram 1500 e aqueles pertences delas pagaram 200.

De Mocimboa da Praia para Mueda e de lá para Pemba

Voltaram a atacar de novo no dia 23 de Março (2020) quando eu saí para cá (Pemba). Voltei de novo no dia 5 de Maio, eles voltaram a atacar de novo no dia 27 de Junho onde se fez muita merda. Na vila mesmo. Saí já depois de muito conflito, depois de piorar a guerra. Em 2017 nós não saímos porque eles só atacaram e saíram para as aldeias. Então lá nas aldeias é onde já estavam a matar população e a população preferia vir na vila em Mocimboa, afinal de contas eles só estavam a afugentar população.

Eu saí em Mocimboa no dia 25, eles atacaram no dia 23 de Março em Mocimboa, fiquei naquele dia 23 até as 15 horas não aguentei porque eu estava mesmo na margem do quartel. Então eu estava a ver a eles a olho nu mesmo, já não estava a aguentar, estava trancada dentro da casa. Então até as 15 horas eles começaram a queimar carros porque vinha NAGI lá em Mocimboa que trazia militares e não conseguiram voltar por causa da estrada, a ponte desabou então os carros estavam lá à espera. Então quando eles vieram atacar, naquela altura que começaram a queimar carros nós pensávamos que estavam a queimar casas. Acabámos saindo e eu saí para um bairro chamado 30 de Junho em casa do meu irmão penúltimo. 25 é que eu saí, mas para sair não estava fácil. Você apanhava uma cabeça, os donos que tem carros estavam a cobrar 1000 meticais de Mocimboa para Mueda, eu consegui carro tenho um filho que está em Mueda falei com ele que conseguiu trazer carro de Mueda para Mocimboa. Apenas só saímos família não conseguimos carregar nada mesmo e para sair família era 16 mil para pagar aquele carro. Não, não estavam a aceitar bagagens. Saímos de Mocimboa chegamos em Mueda, dormi em Mueda 26, 27 e eu saí porque não estava seguro mesmo Mueda. Ali em Mueda estava muito triste, crianças mesmo a andar a pé. Cheguei aqui em Pemba 27 de Março. E de Mueda para Montepuez cada cabeça 1000 meticais, de Montepuez para cá 225 cada cabeça

Sim é aquela via, aqui já ano se passa, está se passar aquela via de Mocimboa, Mueda, Montepuez, é essa estrada que está se usar agora.

Sim, mas quando viemos aqui, de 10 pessoas já estamos separados. porque não temos residências. Por exemplo a mim me levou a minha tia paterna a

irmã do meu pai. Estou eu, minha nora, três filhas minhas estamos naquela família. A minha irmã mais velha está a arrendar numa casa com três filhos; a filha dela está noutro bairro com 4 filhas; a minha mãe está aqui em Natite com duas minhas irmãs, três filhos da minha irmã. Estamos assim dispersos.

Com mais ou menos palavras, com mais ou menos detalhes, estas estórias de aflição mostram duas faces da economia da fuga em contextos de guerra. Dum lado temos pessoas solidárias que se dão as mãos em momentos difíceis como estes; que se disponibilizam a correr riscos para salvar pessoas. Do outro temos gente que não se importa de ganhar dinheiro fazendo da desgraça alheia um negócio em seu proveito. O que fica patente é por um lado uma ausência total de corredores de fuga controlados por forças de segurança governamentais e de políticas de apoio às pessoas forçadas a deslocarem-se e a deixar toda a uma vida para trás.

5.8- E a vida agora é esperar que a espera acabe

Como se percebe pelos seus testemunhos a vida destas mulheres, e também dos homens que as acompanharam na fuga, virou-se de pernas para o ar. Elas foram espoliadas de tudo, sofrem todos os tipos de violência e silenciamentos e muitas dizem não conseguem pensar em mais nada senão no dia em que poderão voltar a sua casa, às suas machambas ou empregos e também às sepulturas dos seus mortos. Também se percebe pelas suas palavras os traumas infligidos nelas, o desespero e a depressão mental crescente que esta espera está a provocar.

Esta situação traumática está a provocar sérios danos na saúde mental das mulheres e irá prolongar-se pela sua vida fora. A espera e o despojo que agora experimentam é terrível e dizem-no de várias maneiras:

Não ter nada mesmo²⁸

A diferença que existe aqui é de não ter nada, não temos onde dormir, não temos onde ficar, temos muitos filhos, essa é a diferença que existe, não ter nada mesmo.

Aqui estamos só sentadas

Nós não temos nada a dizer porque estamos limitadas, porque os outros nossos filhos foram levados com esses bandidos para o mato, não sabemos se estão vivos ou já estão mortos e não sabemos. O que vamos dizer? Só que estamos a pedir que se faça todo possível para voltarmos para as nossas terras porque lá conseguíamos pegar enxada ir capinar e tirar qualquer coisa. Aqui estamos só sentadas, não temos nada, não estamos a ver nada, só amanhece e estamos sentadas. A guerra não está a acabar e o apoio que estamos a receber não está chegar porque não é todos os dias, por isso estamos a pedir que se faça esforço para esta guerra acabar, pelo menos ficarmos a descansar.

Vamos ficar assim nas casas de dono?

Nós não temos nada a dizer, só estamos a perguntar que essa guerra vai até onde e vamos ficar como? Vamos na nossa terra ou vamos ficar assim nas casas de dono e vamos até a onde? como é que vamos viver com os nossos filhos?

Nós aqui não temos nada

Estamos a pedir para irem pedir ao governo dizer para a guerra acabar. Aqui onde estamos é casa de dono nós não temos nada aqui, é casa de dono. Só estamos a pedir para acabar a guerra porque se acabar essa guerra nós vamos conseguir ir no mato capinar qualquer coisa e vamos comer. Aqui esse apoio vai até a onde?

²⁸ Subtítulos nossos para facilitar a leitura e análise.

Nós não temos nenhum pensamento, só vivemos

Nós não temos força é aquilo que eu disse. Nós não temos nenhum pensamento, só vivemos prontos assim. Ela está com as netas, cujas mães estão lá, está com as próprias filhas dela que também não são grandes, são crianças pequenas.

Estou à espera que a espera acabe

Estou à espera que a espera acabe. Esperar não é tarefa fácil. Exige atenção para que logo que a espera se vá embora, a esperança possa entrar e fazer a cama nos frangipanís dourados e nas mangas sumarentas das nossas árvores.

5.9- Mulheres abaixo de todxs: os centros de acolhimento

Os centros de acolhimento instalados na província desde o ciclone Kenneth estão a ser locais para onde estão a ser alojadas muitas das pessoas refugiadas. Estes centros de acolhimento têm condições extremamente precárias e estão sobrelotados. Além disso, o acesso a estes centros é fortemente condicionado pelas autoridades policiais e militares mesmo quando se trata de ajuda humanitária. Uma das nossas entrevistadas que trabalha quase diariamente no Centro de Metuge conta que a estrada entre Pemba e a vila existem pelo menos dois controlos feitos pela polícia militar que revista exaustivamente os carros e os pertences de todxs xs ocupantes com atenção especial para celulares e máquinas fotográficas.

Na fotografia a seguir vê-se uma perspectiva do centro de Metuge onde algumas das nossas fontes foram autorizadas a entrar por algumas horas depois de vários meses de negociação com o governo distrital e provincial e as respectivas forças militares e de segurança.



Como se pode facilmente depreender as condições de salubridade, acesso a água potável e comida assim como a segurança pessoal são inexistentes ou quase. Foi referido por uma nossa entrevistada que as organizações que estão a prestar ajuda humanitária neste campo estimam que neste momento estão realocadas mais de 10 000 pessoas e que existem apenas dois locais de acesso a água em todo o centro de acolhimento. Este dado é extraordinariamente expressivo para se compreender as dificuldades que estão a enfrentar estas pessoas. As palavras de uma mulher jovem que trabalha no apoio humanitário neste Campo é eloquente sobre a situação em geral e os sentimentos que provoca. A sua análise vai mais longe ao questionar a política governamental e as desigualdades criadas e alimentadas por ela:

*A impressão que eu tive quando visitei a primeira vez, e acho que alberga dez mil pessoas, é que é gigante e eu fiquei com a percepção de que Cabo Delgado não fazia parte de Moçambique. **Para mim é intenso ver***

quantidade de pessoas a sofrer dia a dia e ainda fossem consideradas moçambicanas²⁹.

A minha primeira impressão foi questionar se aquelas pessoas eram realmente moçambicanas, qual é o sentido de ser moçambicano porque são muitas pessoas a viver em tendas e nem todas tinham tendas, outras viviam em redes, outras ao relento. Agora já tem tendas do ACNUR e também tem outras organizações que estão a distribuir palhas para fazer mais ou menos umas tendas melhoradas, já está se construir casas de banhos e já está se pensar em realocar porque algumas pessoas estão nas escolas e está se pensar em realocar para outros lugares que não é nas escolas. Mas a minha primeira impressão foi se aquelas pessoas eram realmente moçambicanas e se nós tínhamos um Estado que velasse pelos seus porque não me pareceu, aquelas pessoas estavam entregues ao Deus dará e eu me pergunto as vezes temos esse pé atrás por exemplo com o que diz respeito as organizações humanitárias e o seu real impacto na ajuda do país.

(...) Um centro de acampamento com dez mil pessoas e com higiene, acho que devem ser 1 ou 2 pontos de acesso água.

Para as mulheres todos estes problemas tornam-se ainda mais graves dado que se observa a persistência de certas normas culturais mesmo nestas condições adversas. A observação feita por uma das nossas entrevistadas é que se veem os homens sentados a conversar entre eles enquanto se observam as mulheres sempre a trabalhar cozinhando como podem, limpando as tendas como podem, carregando e cuidando das crianças. Ela refere como todo o ambiente reforça os papéis de género em que as mulheres continuam as que trabalham as subalterna e as silenciadas:

*Aquelas pessoas não têm água, aposto que aquelas não tomam banho há seculos, não têm roupa, as crianças todas sujas e maior parte vê sempre mulheres a trabalhar e **novos estereótipos de género prevalecerem mesmo naquela situação.***

Vês um grupo de homens sentado num determinado lugar e sempre que estiveres a passar pelo acampamento verás sempre mulheres a cozinhar, a trabalhar, a cuidarem das crianças e os homens estão sentados entre eles nestas conversas, as vezes fumar naquele ambiente, sempre se improvisa um ambiente para se enaltecer as masculinidades. Então foi uma das coisas que eu notei, preocupa-me por exemplo a questão de higiene das mulheres, a questão de como é que é por exemplo gerir menstruação naquele contexto com condições sanitárias precárias e todo aquele processo.

Prova disso, são as fotos que se seguem. Na da esquerda vemos as mulheres sentadas no chão a conversarem com visitantes do Campo (de quem cortámos os rostos da fotografia para preservar a sua segurança); na da direita podem-se ver os homens sentados recebendo os mesmos visitantes.



Questionados estes homens que visitaram estes Campos eles disseram-nos que as mulheres se sentam na esteira ou no chão porque preferem e não são os homens que as obrigam ou influenciam. Estas fotos acima são da autoria destes pesquisadores-visitantes que as cederam e não tinham um propósito de uma leitura de género. No entanto, elas revelam, mesmo sem ser essa a intenção por

²⁹ Este os sublinhados seguintes são nossos.

parte dos autores (todos homens), uma prova da subalternidade das mulheres aceite e alimentada na sociedade moçambicana também em situações extremas de vida e de trauma como são estes lugares de fuga à guerra e à espera do reassentamento.

A ausência de sensibilidade para perceber nas normas culturais, mesmo as consentidas e reproduzidas pelas mulheres, o sexismo de uma sociedade e a perpetuação da menoridade de uma parte dela em favor dos privilégios da outra, é com certeza, uma das tarefas mais urgentes e necessárias levar a cabo junto de mulheres e homens com base nas suas experiências e práticas culturais de modo a transformá-las por dentro e estruturalmente.

5.10- A primeira vítima de uma guerra é sempre a verdade: experiências das mulheres desde o activismo social e a frente de combate

Compreende-se que num teatro de guerra a informação seja devidamente monitorada. Contudo, as informações não deveriam ser bloqueadas ou deturpadas pois as/s cidadãs/ãos do país têm o direito a ser devidamente informadas/os para poderem tomar decisões e participar na resolução do conflito de forma activa e democrática. Porém, como em todas as guerras, torna-se mais importante a propaganda do que realmente a verdade factual do que se passa no terreno. O vocabulário autorizado é minuciosamente controlado; o que pode ser dito e o que não pode ser dito, também. As narrativas sobre a guerra permitidas enaltecem o orgulho nacionalista militar ainda que os testemunhos vindos de quem sofre com a sua acção as contradiga.

Uma mulher militar que combateu no ‘teatro das operações’ de Cabo Delgado como ela mesma designa, partilhou a sua análise do que realmente se passa e como as e os soldados da Forças Armadas de Moçambique - FAM são tratadas/os. O seu testemunho pode ser qualificado de brutal, mas necessário para se perceber não apenas a guerra, mas o que é preciso para chegar à paz:

Estive no teatro das operações de CD em 2019 onde fui ferida em combate. Servi no (...)³⁰. A guerra parece uma palhaçada, o que se está a passar em CD e a acção das FAM. O governo não respeita os homens e as mulheres que estão lá a defender o seu país.

Para nós que estamos a combater é uma guerra é de trincheiras com recurso a trincheiras circulares com o comando no meio. Estão mulheres e homens nas trincheiras e para combater dão-nos uma AK com 3 carregadores que dão para uma hora no máximo enquanto que os combates costumam decorrer entre as 22h e as 04h o que coloca os soldados em situação insustentável e altamente perigosa. entre xs militares se diz que o governo xs está-nos a mandar para o abatedouro.

Os treinos dos novos recrutas são no máximo de 2 meses, largamente insuficientes; as armas são velhas e muitas nem funcionam; os salários são de 3000 meticais e muitas vezes demoram semanas para serem pagos; às vezes nem são pagos. Muitas vezes não há comida para xs soldadxs durante uma semana ou mais.

Sei que há muitas deserções. Há duas formas de deserção. A primeira é a caminho do teatro das operações por via terrestre. A partir do Inhassoro muitos pedem para parar os camiões onde estão a ser transportados para poderem fazer as suas necessidades e desaparecem no mato. Levam escondidos roupas de civis. A outra é quando são contactados pelxs insurgentes que lhes oferecem dinheiro para desertar. Chegam a oferecer até 150 000 MT de salário e xs soldadxs desertam e passam para as fileiras dxs insurgentes. Levam o fardamento e as armas. Por isso, na minha opinião aquele vídeo do assassinato daquela senhora no início de Setembro foi feito por soldados que desertaram

Quando morre um/uma camarada em combate e o corpo não é recuperado pelas FAM xs insurgentes retiram o fardamento da pessoa morta e utilizam assim como se ficou alguma arma ou munição. A única coisa que não levam são as botas. Eles combatem de sapatilhas e essa é a diferença. Todas/os sabemos que os soldados desertores e insurgentes vestem o fardamento

³⁰ Esta informação foi omitida para evitar qualquer possibilidade de identificação da autora desta informação tão vital.

militar sobre roupa civil para, em caso de necessidade, se poderem despir e rapidamente se misturarem entre a população

Também nós as mulheres militares sofremos muito. Há muito assédio sexual contra as mulheres militares pelos seus camaradas homens. Há chantagem: se não queres ir combater hás-de ter que te deitar comigo.

Também há muitas mulheres que são obrigadas pelos insurgentes a prostituírem-se e a denunciarem os soldados das FAM que as procuram para os seus serviços. Muitas baixas entre as FAM são resultado dessas denúncias

Há duas classes de militares a irem para o teatro das operações. O primeiro grupo é composto por rapazes e raparigas mal treinados mal fardados que viajam em camiões por via terrestre (dois dias e duas noites) e passam fome, não têm munição nem recebem o seu salário e são enviados para combater com fome e sem descanso; o segundo é composto por soldados bem preparados com boas armas e munições, bem alimentados que viajam com os comandos militares por avião e são enviados para assegurar os mega-projectos na baía de Afungi.

E conclui com uma afirmação que nunca poderia ser pronunciada se não fosse garantido o seu total anonimato porque vai, em tudo contra a narrativa oficial sobre esta guerra:

A guerra é para assegurar os interesses dos Macondes no poder desde a independência que são também os interesses dos mega-projectos. Nós todxs somos irmãos, nós soldadxs e insurgentes, essa é a nossa grande tragédia.

Por outro lado, uma activista de direitos humanos a trabalhar em Pemba descreve como ela e a sua organização cuidam das palavras que dizem, os termos que utilizam, as boas graças que precisam de alimentar com as autoridades para poderem levar a cabo a sua acção humanitária:

Temos que ter muito cuidado com a terminologia pelo menos a nível da organização em que eu estou, em não chamar guerra, não chamar conflito mas chamar ataques. Mas a percepção das pessoas é que há uma guerra e é a nossa percepção também. Mas, a nível formal, nos fóruns e nossa comunicação formal tem de sempre ser ataques que é para frisar a perspectiva unilateral e não do envolvimento do governo. E para as pessoas aqui na província a percepção delas é de que não são insurgentes. Insurgentes é uma terminologia para pessoas em grande medida não são daqui. Para aqui é Al-Shabaab.

É importante fazer parceiras no terreno; é fundamental a articulação das diversas intervenções para poder providenciar mais e melhor apoio a quem está numa situação desesperada. Contudo, nem sempre essa articulação serve esses propósitos estratégicos. Algumas vezes serve para encobrir a ausência de políticas efectivas e continuar a que a narrativa nacionalista épica, mas sem conteúdo faça o seu caminho. De contrário, pode haver sérias ameaças às pessoas e às organizações que estão junto das populações procurando minimizar os seus sofrimentos. Por outro lado, faz emergir uma auto-censura que é alimentada com a convicção de que se está a servir a segurança de todxs. Esta é a análise de uma das nossas fontes:

Estamos a trabalhar com Acção Social. A Acção Social também está lá. A nossa lógica é não estarmos a trabalhar sem o aval do governo e isso parece mesmo sagrado; é preciso tentar sempre estabelecer parcerias, não fazer nada sem que eles saibam. Então nós sempre fazemos na lógica de que queremos apoiar do que o governo faz mas sabemos que não faz tanto. Mas queremos apoiar que é para eles se sentirem enaltecidos e estar na dianteira do processo.

É uma forma diplomática da organização de lidar com o governo e eu acredito que não é só da minha organização, mas é doutras organizações também. É a forma como elas vão se expressar, há políticas, há todo um conjunto de coisas, temos muita atenção com a forma como nós vamos nos expressar, indicações por exemplo para não falar sobre o assunto para evitarmos nos

expor nas redes sociais, para evitarmos tecer comentários em lugares públicos sobre esse assunto porque nunca se sabe a quem confiar e sabemos que há polícias, há pessoas infiltradas no meio de nós que podem sempre estar num ambiente de insegurança e as pessoas podem deixar o nosso nome e nunca sabemos o que pode nos acontecer.

5.11- Ausências e silenciamentos

Desde Outubro de 2017, quando os ataques começaram em Mocimboa da Praia, que activistas de muitas e variadas organizações da sociedade civil, jornalistas, cientistas sociais, (nacionais e internacionais) e autoridades estatais têm vindo a produzir e a disseminar conhecimento, em grande medida, na tentativa de compreender não apenas o que se está a passar em Cabo Delgado procurando discernir as razões para a emergência desta violência.

A partir do primeiro trimestre deste ano tem-se vindo a assistir a um recrudescimento dos actos de violência na província e a uma intervenção militar mais pesada. A tomada da vila sede do distrito de Muidumbe e o controlo de várias aldeias e localidades em toda a região do norte da província por parte dos insurgentes; o aumento da escala dos ataques e dos combates e o uso de armas pesadas de guerra; a recorrência de notícias e denúncias de graves violações de direitos humanos como decapitações, massacres, recrutamento de crianças para combater, raptos de mulheres em grande número; a destruição sistemática de aldeias, são algumas das faces mais trágicas e mais conhecidas do estado de guerra que se vive em Cabo Delgado.

Uma presença que é também uma ausência: mulheres combatentes

Interessa-nos particularmente sublinhar que há notícias e denúncias sobre a estratégia dos chamados machababos para envolver mulheres nos combates ou na linha de fogo. Uma fonte contou-nos:

Numa vila que estava a ser atacada viu-se uma motorizada que levava atrás uma mulher carregando obuses com os quais ia municiando o homem que se sentava no meio e que disparava enquanto outro conduzia o motociclo em plena batalha.

Outra senhora relata-nos o envolvimento de mulheres nos combates e na retaguarda da guerra. Neste testemunho percebe-se que a sua autora acredita que elas são usadas para lançar feitiços a partir dos conhecimentos botânicos que elas e eles têm:

Mulheres na verdade, muitas mulheres em Mocimboa forma convencidas. Estavam lá muitas mulheres, mas aquelas mulheres principalmente estavam ali na defesa. Como dizem: mulher é remédio. É normal mulher você ver uma mulher nua só com missangas. Aquilo é só droga para distrair as pessoas e aqueles quando entram basta ouvir Allahu Akbar que nem a população e nem a polícia não dispara mesmo, perde força a nas articulações. Elas são postas à frente e usam algumas drogas mesmo, tradicionais mesmo, botânicas. É com essas drogas em que as pessoas não conseguem reagir.

Não se sabe quantas mulheres estão envolvidas na violência e participam em que termos. Não se sabe as que são forçadas a fazê-lo e como são envolvidas e as que o fazem por estarem persuadidas que estão do lado certo do conflito. Porém, ouvindo com atenção os vários testemunhos e a recorrência de alguns detalhes percebe-se que este é um assunto quase tabu e ao qual as investigações têm dado pouca ou nenhuma atenção.

Denúncias do envolvimento de mulheres nos actos de violência já circulava em 2019 por mensagens de whatsapp e SMS e de boca em boca. Porém, esta realidade parece não suscitar muita atenção e até agora estas denúncias não foram confirmadas de forma efectiva. Porém, a recorrência destas notícias, relatos e denúncias deve-nos fazer pensar que existem fortes probabilidades de que as mulheres estejam a ser recrutadas para participar, voluntariamente ou obrigadas, em combates e emboscadas por parte dos grupos insurgentes.

Por parte das forças governamentais, muitas mulheres militares foram já destacadas e cumpriram e cumprem missões de combate no teatro de operações em Cabo Delgado.

Pensamos que a militarização da vida destas mulheres não é uma estratégia nem de empoderamento delas nem de um caminho para a Paz. Ao contrário, esta presença das mulheres nos combates, seja do lado dos grupos de insurgentes seja do lado das forças militares do governo lhes traz muitos prejuízos para a sua saúde e para a sua integridade como seres humanos. Aqui trata-se, a nosso ver, de referir esta presença que sido uma ausência gritante nas análises e preocupações das analistas esquecendo activamente um dos lados mais cruéis desta guerra. Isto preocupa-nos tanto pelos sofrimentos que estão a ser infligidos a estas mulheres, pelas consequências dramáticas que esta participação nas acções militares trará para o resto das suas vidas e também o silenciamento a que são votadas.

Relatórios e artigos científicos

O deterioramento da situação em Cabo Delgado tem gerado um fluxo contínuo de notícias, entrevistas e relatórios, mas praticamente não há mulheres a escrever sobre a guerra em Cabo Delgado. Detecta-se uma ausência gritante de mulheres que se manifesta em três sentidos. Os dados que se seguem respeitam à análise de variadas fontes escritas nos últimos 12 meses o que corresponde a esta fase mais agressiva e intensa do conflito.

Os artigos de carácter mais científico, que procuram analisar as causas da guerra e a situação actual, de autoria de moçambicanos, são praticamente todos assinados por homens. Existem muito poucas excepções, como são os trabalhos Liazzat Bonate. Analisaram-se as publicações do último ano de centros de pesquisa como a OMR, o IESE e a WLSA, relatórios da Sekelekani, Centro Terra Viva e não se encontrou material assinado por mulheres acerca da guerra em Cabo Delgado.

Alguns relatórios tratam sobre Mulheres Paz e Segurança, mas de uma forma geral sem se dedicarem de forma precisa ao conflito bélico nas províncias do norte e centro do país. Aquele que foi escrito com informação mais compreensiva fundamenta-se em trabalho de terreno nas províncias de Nampula, Zambézia, Sofala e Gaza e foi publicado pela ONGI Advogados Sem Fronteiras do Canadá em parceria da MULEIDE e o Centro de Estudos Estratégicos do ISRI, e tem como título: *Impacto dos conflitos armados na vida das mulheres e raparigas em Moçambique*³¹.

Elas têm escrito sobre as actividades extractivas e os seus impactos na vida das mulheres, aspectos ligados ao uso e aproveitamento da Terra, conflitualidade entre os Direitos Humanos das Mulheres e as práticas costumeiras em Cabo Delgado. No entanto, sobre os conflitos violentos em Moçambique, sobretudo em Cabo Delgado, não se encontram trabalhos completos e analíticos assinados por elas.

Apenas tivemos conhecimento de um relatório de pesquisa para a USAID de autoria de duas mulheres, Júlia Wachave e Ângela Collet mas que ainda não temos notícia da sua publicação. Tivemos acesso a uma versão preliminar, mas que mostra um grande trabalho de pesquisa e conhecimento do terreno sendo um contributo fundamental para quebrar este silenciamento a que estão votadas as vozes e os conhecimentos das mulheres acerca desta guerra.

Esta falta de vozes e conhecimentos das mulheres precisa de uma pesquisa completa e compreensiva para apurar as causas próximas e profundas deste pesado silêncio. Consideramos errados e até desonestos os argumentos do senso comum que são: elas não se interessam por estas coisas; a COVID-19 está a sobrecarregá-las com outros trabalhos; elas não têm capacidades analíticas suficientes; ou então, é demasiado perigoso para elas irem até ao terreno. Todos esses argumentos acabam por minorizar e não explicar porque é que efectivamente há tão pouca produção científica nacional de mulheres sobre a guerra em Cabo Delgado, em Sofala e Manica. Como feministas importa-nos aprofundar esta realidade e promover a presença das mulheres nos debates sem que sejam sempre como vítimas prestando testemunho das suas misérias. Elas

³¹ Ver aqui este relatório: https://www.asfcanada.ca/site/assets/files/7636/icavmm_13022019_web.pdf

pensam, elas falam, elas querem ser ouvidas, elas pensam e analisam, elas avançam razões e soluções. Como feministas, este relatório é uma contribuição para a criação de um espaço em que as mulheres são escutadas e são as protagonistas da sua estória e da estória do seu país.

Imprensa escrita digital ou convencional

Sabemos que existem jornalistas mulheres a fazer o seu trabalho no território, mas os artigos publicados em jornais de grande circulação, nacionais e estrangeiros, são assinados, invariavelmente, por homens.

Esta constatação deveria levar a uma pesquisa aprofundada desta ausência para melhor compreender as razões que levam a que as mulheres não publiquem sobre este assunto, seja em jornais, artigos e nos livros que mais circulam. A esta ausência corresponde a uma segunda camada de silenciamento das vozes e dos conhecimentos das mulheres sobre a guerra, a violência, mas também o que é preciso para chegar à paz.

No que tem sido publicado na imprensa (digital e convencional) as mulheres além de mudas elas quase não existem. Realizámos uma análise sistemática à produção jornalística nacional e internacional publicada entre 27 de Fevereiro e 8 de Novembro de 2020 em 24 Newsletter da autoria de Joseph Hanlon que faz um clipping de notícias sobre Moçambique.

Através do uso de diversas categorias percorreram-se as notícias de forma sistemática. O quadro seguinte mostra as categorias usadas para análise e o nº de ocorrências no período indicado:

Categorias de análise	Nº de ocorrências encontradas nas Newsletter analisadas
Women/Woman	21
Girl(s)	5
Gender	0
Cabo Delgado	224
War/civil war	235
Insurgents	263
Attacks	135

Deste quadro percebem-se pelo menos duas coisas.

A primeira é que as notícias sobre Moçambique ao longo deste ano deram uma grande importância à guerra em Cabo Delgado. Isto fica demonstrado pelo número de vezes que Cabo Delgado é referido, a guerra e às vezes guerra civil, insurgentes e ataques perfazendo um total de 857 ocorrências.

Nestas categoria são falados os homens já que são eles que são considerados os protagonistas tanto da insurgência quanto dos combates contra ela. Também se fala dos interesses económicos que estão por detrás dessa violência e que são também um terreno essencialmente masculino. Referem-se as autoridades militares e policiais e ainda as autoridades políticas e administrativas quase todas encarnadas em figuras masculinas.

Por outro lado mostra que o senso comum dominante sobre a província de Cabo Delgado, hoje em dia, privilegia as notícias sobre a guerra e a sua crueldade e quase não dá importância a outros aspectos da vida das populações ou das iniciativas que estas têm levado a cabo para resistir e enfrentar a violência. Pode-se dizer que há uma militarização da sociedade e da comunicação reforçando os impactos negativos que esta tem nas relações sociais e institucionais.

A segunda, como fica fácil de constatar a presença de vozes das mulheres e raparigas ou sequer de referência a elas é muitíssimo menor, 26 ocorrências. Isto permite confirmar a tese da ausência e do silenciamento das mulheres e raparigas para descrever esta realidade como nos processos de pensar e dar razões a esta guerra assim como nas negociações em direcção à paz.

Elas não falam: são faladas. A única que fala é uma académica Moçambicana que não vive em Cabo Delgado nem sequer no país, neste momento. Dá-se sobretudo importância à sua vitimização sem se procurarem analisar nem as razões nem os impactos na vida das mulheres presas, abusadas, estupradas, raptadas e combatentes.

Isto fica melhor compreendido quando se leem os conteúdos onde as mulheres são referidas. Em seguida apresentamos um quadro de análise de conteúdo utilizando-se as transcrições dos excertos das peças publicadas nas Newsletters analisadas onde ocorrem referências às raparigas e mulheres:

VITIMIZAÇÃO DAS MULHERES E RAPARIGAS	AGÊNCIA DAS MULHERES E RAPARIGAS	VOZES DE MULHERES E RAPARIGAS
<i>Three women were abducted and another person killed</i>	<i>Women are active insurgents</i>	
<i>Teachers can impregnate school girls</i>	<i>GMPIS - Grupo de Mulheres de Partilha de Sofala which last year created a solidarity campaign for the victims of cyclone IDAI has started a solidarity campaign to support women and girls in Cabo Delgado</i>	
<i>And more than 20 foster care centres for orphaned and vulnerable children in Nampula have been closed, after inspection found girls had been sexually abused and raped by some managers, Egidio Sousa, from the Provincial Directorate for Gender, Children and Social Action, said. In addition there was an absence of minimum conditions of accommodation and food.</i>	<i>A particularity of Islam in this region is that there are traditional chiefs who are women and Muslims. Women are very important in this society and very influential, but they tend to be ignored by researchers and policy makers." And she argues that having women fighters in the new insurgency The women's detachment [Destacamento Feminino]... downplay or not report that Muslim women made a very significant part of the first contingent of the female detachment" Muslim women were armed fighters https://www.chathamhouse.org/event/webinar-finding-solutions-insecurity-cabo-delgado. Bonate's</i>	Fala da Liazzat Bonate
<i>"A lot of women have been arrested"</i>		
<i>On 5 June, insurgents kidnapped girls in the Nabubussi neighborhood of Mocimboa da Praia Some of the insurgents moved west and kidnapped at least 10 girls from parts of Mocimboa da Praia</i>		
<i>But the law also guarantees the rights of women (imposing some changes on customary inheritance and allocation systems).</i>		
<i>Eighteen of the women have contracted HIV/AIDS</i>		
<i>Young men and sex by young women</i>		
<i>The instructors and women have been suspended but the women will be allowed to resume their course next year³²</i>		
<i>The most recent video shows soldiers chasing a naked women down a paved road https://twitter.com/i/status/1305433447276703744</i>		
<i>Women were raped by FDS forces and in late 2019 eight youths were executed by the FDS</i>		

Muito embora ainda não se tenha procedido ainda a uma pesquisa sistemática na imprensa nacional convencional durante o mesmo período de tempo, a leitura e análise de dois jornais de grande

³² Este excerto não se refere a Cabo Delgado mas sim ao escândalo da Escola de Instrução de Matalane.

circulação nacional, o Savana e o Canal de Moçambique, durante os meses de Outubro e Novembro de 2020, permitem perceber que persiste o mesmo padrão de ausência das mulheres ou de uma presença marcada sobretudo pela sua vitimização.

A título de exemplo chamamos a atenção para os conteúdos das seguintes publicações que contêm referências a mulheres e à guerra em Cabo Delgado nos últimos dois meses:

JORNAL, DATA E AUTORXS	TÍTULO	CONTEÚDOS
Savana de 30/10/2020 João Honwana, Vadu Gouden, Carlos Veloso e Carlota Inhamussua	Título: Como está cabo Delgado? Webinar 7: Desafios e experiências na construção da paz	Contém uma secção (22 linhas) sobre o 'Papel das Mulheres em Contextos de Conflito evocando a Resolução 1325 da ONU.
Savana de 13/11/20 por Armando Nhamumbo	Título: Paquite: o centro da desgraça, pp. 14 e 15	Descreve-se a situação humanitária no chamado Centro de Trânsito de Paquite. Fala-se da senhora, Mwaziza Falumi que deu à luz uma menina, Awa, numa embarcação enquanto fugia; são publicados pequeníssimos testemunhos de 3 senhoras: Mwanema Abudo, Amina Tauabo e Tina Nassoro
Savana de 13/11/20 por Argunaldo Nhamossa	Título: Vítimas dos ataques recebem terras em Corrane pp. 12	Neste artigo apresentam-se curtas estórias de vida de 3 senhoras: Ngamo Omar, Teresa Bartolomeu deslocadas e falando das suas experiências negativas; e Lucília de Fátima da Associação Kubatsira que está a apoiar na recepção destas pessoas deslocadas na província de Nampula.
Canal de Moçambique 11/11/20 Por João Feijó, Yussuf Adam e Jerry Manquezi	Título: Destaque Rural 105. Integração socioeconómica dos deslocados em Cabo Delgado pp. 14 a 16	Faz-se uma análise do conflito e das suas razões. Refere-se que a maioria da população deslocada são mulheres (p. 15) apresenta-se um mapa de mulheres deslocadas de 2016 (?) e faz-se uma curta referencia nas recomendações com o seguinte teor: ... privilegiando mulheres e jovens, assim como grupos sociais marcados por longos sentimentos de estigmatização (p. 16)

Todos estes dados recolhidos confirmam a tese de não cumprimento das garantias constitucionais relativos à Igualdade entre Mulheres e Homens e ao descaso da Resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas de 2000 nº 1325 que na sua alínea 9 refere:

Exorta sobre todas as partes em conflitos armados a respeitarem integralmente o direito internacional aplicável aos direitos e à proteção das mulheres e meninas, especialmente em sua qualidade de civis, em particular as obrigações correspondentes sob as Convenções de Genebra de 1949 e seus Protocolos Adicionais de 1977, a Convenção sobre os Refugiados de 1951 e seu Protocolo de 1967, a Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres de 1979 e seu Protocolo Opcional de 1999 e a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança de 1989 e seus dois Protocolos Facultativos de 25 de maio de 2000,

e a considerarem a relevância dos dispositivos do Estatuto de Roma do Tribunal Penal Internacional.

IV – Acções, recomendações e demandas das mulheres para a Paz e Segurança no País

Tem-se noção do muito que há a fazer numa situação extremamente grave e dramática como é a de lidar com a destruição provocada pela guerra que está instalada no norte e centro do país.

No entanto, é necessário não esquecer, que o país sofre e com ele sofrem as suas populações, especialmente as mulheres e as raparigas como fica demonstrado em cima. É crucial salientar que as mulheres de todas as idades sofrem duplamente e que se a humanidade delas está a ser ferida, é a humanidade de todxs xs moçambicanxs que é também ofendida e destruída.

Elas sofrem com a violência directa da guerra que as mata brutalmente e de muitas maneiras. Elas sofrem com todas as outras violências que lhes são especificamente dirigidas e que se reforçam umas às outras como:



Porém, elas não são seres passivos à espera de uma qualquer salvação chegue para as resgatar sem que para ela tenham duramente trabalhado. Pelo contrário, elas estão a resistir aos silenciamentos que lhes vão sendo impostos; elas rompem com o conformismo e estão presentes de muitas maneiras e sobretudo elevam as suas vozes para sejam reconhecidas, de forma explícita, a sua coragem e contribuições no esforço comum para acabar com a guerra e sobretudo com as causas que a fizeram emergir e a alimentam.

Nesta secção colocamos em destaque em primeiro lugar algumas das suas acções e iniciativas que estão a ser levadas a cabo todos os dias. Em segundo lugar as preocupações relativas ao apoio emergencial que é necessário pôr em prática, imediatamente e de forma sustentada nesta fase de grande aflição. Em terceiro lugar enunciam-se as demandas das mulheres em termos estruturais.

Terminamos com algumas recomendações para a acção integrada das organizações da sociedade civil

1- O activismo das mulheres porque o que é privado é político

Como se refere acima, as mulheres fazem parte, por inteiro, do seu país e do mundo. São sujeitas da sua história e da história do seu país. Elas pensam, narram, analisam e agem ainda que muitas das suas iniciativas fiquem escondidas pelas master narrativas machistas de políticos, jornalistas, activistas e muitos intelectuais. Elas actuam em diferentes esferas da vida e em todos os níveis da sociedade.

É um grande erro pensar que a guerra é apenas enfrentada com as acções de militares e políticos como fica demonstrado nesta pesquisa. Também é um erro imaginar que a paz se constrói com negociações do chamado *alto nível* onde muitos poucas ou quase nenhuma tem lugar. Por outro lado, é importante pensar que tal como a guerra permeia e danifica toda uma sociedade, também a paz só se consegue quando toda a sociedade se deixar penetrar pelos gestos, acções, práticas pacíficas e que preservam a vida, todos os dias de muitas maneiras.

Com isto queremos afirmar que as acções das mulheres, são tão importantes ao nível macro onde certas decisões políticas são tomadas como ao nível micro onde a vida acontece a cada segundo. No nosso entendimento o activismo das mulheres, como se verá a seguir está presente tanto nos espaços públicos como nos espaços mais privados. Mas como aprendemos com as feministas há muito tempo, **o que é privado é político** e, por isso, todas as manifestações do activismo feminista são essenciais a uma política de paz e de segurança.

A seguir apresentamos um conjunto de iniciativas, levadas a cabo pelas mulheres nas várias esferas da vida que têm que ser conhecidas, valorizadas e tidas em consideração quando se tratar de Mulheres Paz e Segurança.

Entre muitas iniciativas e acções das mulheres e meninas entendemos estacar algumas que têm marcado o espaço público em Moçambique e fora do país: Elas dão entrevistas apesar de todos os riscos que correm para poderem dar testemunho e denunciar os malfeitos a elas e às suas famílias e comunidades;

- ⇒ Elas participam activamente na disseminação da informação através dos meios que estão à sua disposição arriscando a vida ou a serem presas;
- ⇒ Elas são jornalistas e continuam a recolher informação para as rádios e jornais locais apesar de todos os perigos que têm que enfrentar e o medo da repressão que tem sido exercida contra a imprensa independente;

- ⇒ Elas organizam campanhas dentro e fora das províncias atingidas para recolher e distribuir bens de primeira necessidade;



- ⇒ Elas participam em webinárias onde falam sobre estes assuntos, dão testemunhos e analisam as causas das guerras e fazem propostas para se chegar à paz;
- ⇒ Elas organizam campanhas para denunciar as violações graves dos direitos humanos e dos direitos humanos das mulheres nesta guerra;
- ⇒ Elas participam em programas de televisão como o 'Opinião no Feminino' (STV) e falam sobre o assunto, fazem denúncias e apresentam alternativas;

MILITARISM, VIOLENCE AND CONFLICT
How women living in occupied and fragile territories have been dealing with it.

18 SEP Friday, 5:00 pm to 7:00 pm (RSA, Zimbabwe and Mozambique time)

Panelists from Western Sahara, Mozambique and Somalia

- Mariám Hamadi**
Activist from the occupied territories of Western Sahara
SAHARA OCCIDENTAL
- Idil Ibrahim**
Gender Equality Advocate
SOMALIA
- Julia Wachave**
MULEDE Provincial Coordinator
MOZAMBIQUE
- Rita Nyampinga**
Moderator
ZIMBABWE

ZOOM MEETING:
<http://tiny.cc/6tmwsz>
Meeting ID: 922 4977 6079 | Password: 528358

Nas suas casas, nos seus grupos, nas suas associações elas estão incessantemente activas:

- ⇒ Elas reorganizam a sua vida para acolher quem mais precisa;
- ⇒ Elas organizam grupos de voluntárias/os para atender quem chega e reencaminhar para centros de acolhimento, familiares ou lugares de reassentamento;
- ⇒ Elas são médicas, enfermeiras e outras profissionais de saúde que estão na linha da frente apoiando e curando quem delas necessita;
- ⇒ Elas deslocam-se aos campos de refugidas/os e às famílias que as/os acolhem prestam apoio emocional e psicológico e também espiritual, muitas vezes voluntariamente;
- ⇒ Elas organizam rodas de xitiki para poderem enfrentar melhor a carestia de vida e a falta de tudo;
- ⇒ Elas não param de trabalhar para sustentar a casa e mesmo em condições tão adversas. As que estão em Cabo Delgado fazem bolinhos para ir vender ou continuam a ir trabalhar para os distritos, as escolas, os hospitais, os mercados, as lojas para as instituições públicas;
- ⇒ Elas são professoras e pesquisadoras que discutem com as/os estudantes e as suas equipas estes assuntos de forma a aumentar a consciência da necessidade de um pensamento crítico e empenhado na construção da Paz do país;
- ⇒ Elas são militares e são mandadas para a frente do combate onde desempenham o seu papel ao lado dos seus companheiros homens sofrendo todas as agruras da guerra

2- As nossas preocupações para o APOIO EMERGENCIAL a todas as mulheres de todas as idades no palco da guerra

A situação é realmente dramática e há quem fale que pode estar um genocídio em marcha. É errado pensar-se que quem morre numa guerra são apenas as/os combatentes e as/os civis atingidas/os pelas armas ou assassinadas/os.

Quem morre numa guerra são todas as pessoas que de forma directa ou indirecta enfrentam os tiros das armas, a desnutrição e a fome até à morte; as doenças que matam mais dia, menos dia; a tensão e o desespero que fazem explodir os corações e as veias; a vergonha que leva as pessoas à loucura; a água podre e insalubre que envenena e mata. Todas as mortes são vítimas assassinadas pela guerra.

Por isso a acção emergencial deve ser levada muito a sério e nós as mulheres, a partir das nossas preocupações fundadas na nossa pesquisa e dos conhecimentos das muitas que participarem neste relatório afirmamos que é necessário actuar já com:

- ⇒ **Apoio humanitário adequado e que tenha em conta as necessidades específicas das mulheres** e raparigas e dando também uma atenção especial às mulheres idosas, doentes e portadoras de deficiência para as quais as dificuldades crescem de forma dramática. Esta ajuda humanitária deverá incluir alimentação, água, medicamentos, higiene e capulanas;
- ⇒ **Proteção e segurança pessoal e comunitária em especial das mulheres** e crianças para que se evitem os estupros e as violências sexuais;

- ⇒ **O fim da impunidade dos agressores** e estupradores criminalizando-os, julgando-os e punindo-os efectivamente segundo as leis do país;
- ⇒ **Apoio emocional, psicológico e espiritual** sobretudo às que estão a perder maridos, filhos e filhas, outros familiares e se sentem isoladas fora das suas comunidades perdendo ainda todas as redes sociais de apoio e de vizinhança que tinham;
- ⇒ Dotar os Centros de Acolhimento e os Reassentamentos de **condições dignas que respeitem os Direitos Humanos em especial dos Direitos Humanos das mulheres e raparigas**: tendas em número suficiente, sanitários para mulheres, acesso a água, uma provedoria para encaminhamento e tratamento de denúncias de violência e abuso contra elas;
- ⇒ Apoio e **segurança das redes da sociedade civil** para prestarem auxílio nos locais onde seja mais necessário;
- ⇒ Assegurar a **liberdade de informação**;
- ⇒ **Respeito integral pelas garantias constitucionais do país** sobre igualdade de género em todas as esferas da vida social, económica, política e cultural;

3- As nossas DEMANDAS para as transformações ESTRUTURAIS para uma Paz duradoura e a segurança de todas as mulheres e meninas

Para enfrentar esta situação há que ter em conta as boas metodologias e princípios de inclusão, democracia e de enfrentamento das causas e não apenas das consequências. Vejamos com atenção como uma delas descreve como deveriam ser pensados estes processos:

A população tem uma palavra a dar para poder se melhorar esta situação

Penso que é necessária uma combinação de várias acções, porque efectivamente é preciso se perceber o que é que está a acontecer com essa guerra muda de Cabo Delgado. Porquê é que não está se conseguir que essa guerra acabe. Tem que ser um trabalho que tem que ser feito ao nível da base, é preciso se perceber dentro de próprias pessoas, afinal porquê é que isto está a acontecer? O que deve ser feito para poder vos apoiar. Porque eu penso que a população tem uma palavra a dar para poder se melhorar esta situação.

Também é uma questão das desigualdades não é uma coisa que vai se conseguir resolver de hoje para amanhã, mas é uma questão que se deve ter em atenção para ver se no mínimo diminui-se a vulnerabilidade dessas pessoas. É preciso que se criem condições para reduzir a desigualdade, é preciso que se criem condições para fazer com que as pessoas não se sintam excluídas, participem mais, sejam as pessoas a criar mudança para sua vida. E para criar mudança é preciso que lhes sejam dadas autonomias para tal.

As coisas não devem vir de cima para baixo, devem sair de baixo para cima

As coisas não devem vir de cima para baixo, devem sair de baixo para cima. A população deve participar e tem que ser ela a sugerir, o que é que acha que deve ser feito para melhorar a sua vida. Então eu penso que é esta combinação de vários factores para poder se melhorar a situação de Cabo Delgado.

Os nossos discursos não podem ser apenas discursos no papel

É preciso que as pessoas sintam que apesar de eu ser maxangana, de ser maconde, de eu ser macua, eu tenho oportunidade igual de participar no processo de desenvolvimento da minha localidade. É uma questão também que se omite, mas que faz muita diferença. Os nossos discursos políticos são unificadores, mas a realidade não mostra isso e você sente nas pequenas coisas. Então é preciso também que ao nível macro se pense um pouco nessa questão de os nossos discursos não serem apenas discursos no papel, mas que se transmitam em realidade começando mesmo do chefe do quarteirão, chefe da localidade. Parecendo que não, mas eu acho que essas coisas criam condições para que haja a partir da base esta negação de oportunidades e isso vai crescendo até ao nível macro. Temos um discurso, temos uma realidade que não corresponde com ele e a realidade é essa que nós vimos.

Presença militar é só para proteger a população naquele momento. Não resolve.

Olhando um pouco num âmbito de que há uma necessidade de uma intervenção militar, porque está a haver um ataque e precisamos proteger aquelas pessoas, faz sentido. Mas olhar esta presença militar no sentido de que é com esta prática que vamos resolver a situação de Cabo Delgado eu não colocaria muita fé, presença militar é só para proteger a população naquele momento. Não resolve.

Animadas pelo espírito e pela letra da nossa Constituição da República e pelo nosso amor à Nação Moçambicana e a cada uma/um cidadã/ão deste país, afirmamos que há transformações estruturais que é preciso levar a cabo para chegar a uma paz sustentável duradoura assente numa Justiça Social que não deixa ninguém para trás, seja mulher ou homem, criança ou pessoa idosa, e que reforce a nossa democracia. Para tal demandamos o seguinte:

- ⇒ A implementação integral da **resolução 1325 das Nações Unidas**;
- ⇒ **Garantir a participação das mulheres**, em especial as que estão a vivenciar a guerra, nos processos de **análise do conflito bélico** que se desenrola;
- ⇒ **Garantir a participação das mulheres** de várias origens e formação, em igualdade de condições com os homens, nos **processos negociais com vista à paz**;
- ⇒ Promover e **garantir a participação das mulheres** nas decisões que concernem a **vida das comunidades afectadas pela guerra** em especial as suas mulheres raparigas e idosas;
- ⇒ **Promover um grande e amplo diálogo nacional sobre o modelo de desenvolvimento do país, incluindo mulheres de todas as províncias, origens e formação**, para definir como podem os recursos naturais trazerem concretos e reais benefícios para todas/os as/os cidadãs/ãos transformando-se no principal motor da Justiça Social e Igualdade de Género em Moçambique;

4- As nossas recomendações para uma acção articulada da sociedade civil com sensibilidade de género e pelos Direitos Humanos das Mulheres e Raparigas:

Recomendação 1	Desenvolver uma pesquisa de fundo e multissetorial e com uma forte perspectiva de género sobre a situação e as iniciativas das mulheres em Cabo Delgado Manica e Sofala porque é necessário aumentar o conhecimento sobre a guerra a partir das análises, vozes e conhecimentos das mulheres
Recomendação 2	Realizar um levantamento das organizações de mulheres e as suas iniciativas no campo do enfrentamento da guerra e uma acção de disseminação (Seminário, Oficina ou Colóquio) para divulgação dos resultados e advocacia junto de autoridades e sociedade em geral
Recomendação 3	Realizar uma acção de formação pública sobre a Resolução 1325 do Conselho de Seguranças das Nações Unidas e os Direitos Humanos das Mulheres em contexto de guerra dirigida a autoridades locais, lideranças da sociedade civil, líderes religiosos, jornalistas e outros fazedores de opinião
Recomendação 4	Criar um consórcio de organizações da sociedade civil moçambicana para o apoio, acompanhamento e monitoria do apoio humanitário prestado por entidades nacionais e estrangeiras de modo a garantir a equidade, a prevenção de actos de violência sexual e outras contra as mulheres e a adequação às necessidades específicas de cada género e grupo etário
Recomendação 5	Criar estruturas de apoio integrado às vítimas, sobretudo mulheres e raparigas, com as seguintes valências: saúde sexual e reprodutiva e emocional, criação de emprego e/ou empreendimentos para obtenção de renda, apoio jurídico e processamento de documentos de identidade, certidões de nascimento e outros
Recomendação 6	Desenvolver um sistema de denúncia segura e eficaz de casos de violência e abuso sexual. Isso pode ser feito através de uma linha especial de celular e sistema de SMS contando com uma retaguarda de apoio e encaminhamento. Este sistema já foi desenvolvido e testado em outros locais do país. Apenas precisa de ser adequado ao clima de guerra e dotado de meios efectivos através de uma acção inter-institucional e multidisciplinar
Recomendação 7	Organizar campanhas públicas sobre a violência de género como arma de guerra e a sua prevenção e o fim da impunidade dos agressores. Estas campanhas podem integrar programas de rádio, artigos de jornal, entrevistas nas redes abertas de televisão, oficinas de formação, seminários ou encontros com organizações de base tanto de mulheres como de homens
Recomendação 8	Realizar um Seminário ou Colóquio sobre estratégias de empoderamento económico das mulheres com identificação de iniciativas e práticas de economias solidárias e populares capazes de prover renda e sustento das mulheres; que tipo de apoios financeiros e outros são necessários desenvolver a nível local, distrital e provincial; trocas de experiências e conhecimentos sobre actividades económicas pensadas e lideradas por mulheres
Recomendação 9	Realizar um Colóquio a nível nacional com a presença de mulheres de todas as províncias para reflectir sobre o modelo de desenvolvimento do país, as consequências dos mega-projectos extractivistas na vida das mulheres e as alternativas desejáveis para uma justiça social nacional
Recomendação 10	Fazer uma campanha de advocacia para lançar um programa de reunificação familiar e apoio às crianças órfãs, raptadas e recrutadas à força para combater

Conclusão

Como cidadãs deste país e assumindo-nos feministas e activistas dos Direitos Humanos das Mulheres de todas as idades, estejam elas onde estiverem, quisemos com este primeiro relatório mostrar como a guerra, particularmente aquela que se vive hoje em dia em Cabo Delgado, afecta dramaticamente a vida das mulheres e raparigas.

Quisemos demonstrar a importância e a necessidade de incluir as suas vozes, experiências e conhecimentos, tanto para compreender cabalmente a guerra como para pensar e realizar a paz.

Por último pretendemos demonstrar que elas não estão paradas nem são apenas vítimas dobradas e paralisadas pelo medo e opressão. Pelo contrário, elas trabalham e lutam, incansavelmente, para enfrentar tudo e todos, para lidar com as agruras da vida, para promover a Paz duradoura a Segurança e o Fim da Impunidade dos seus agressores.

Mesmo sem as poder identificar, agradecemos a todas elas que contribuíram, decisivamente, para que este relatório não só fosse possível, como proporcionasse uma leitura densa e crítica da guerra e dos caminhos e horizontes de paz no nosso Moçambique.

Bem-hajam!